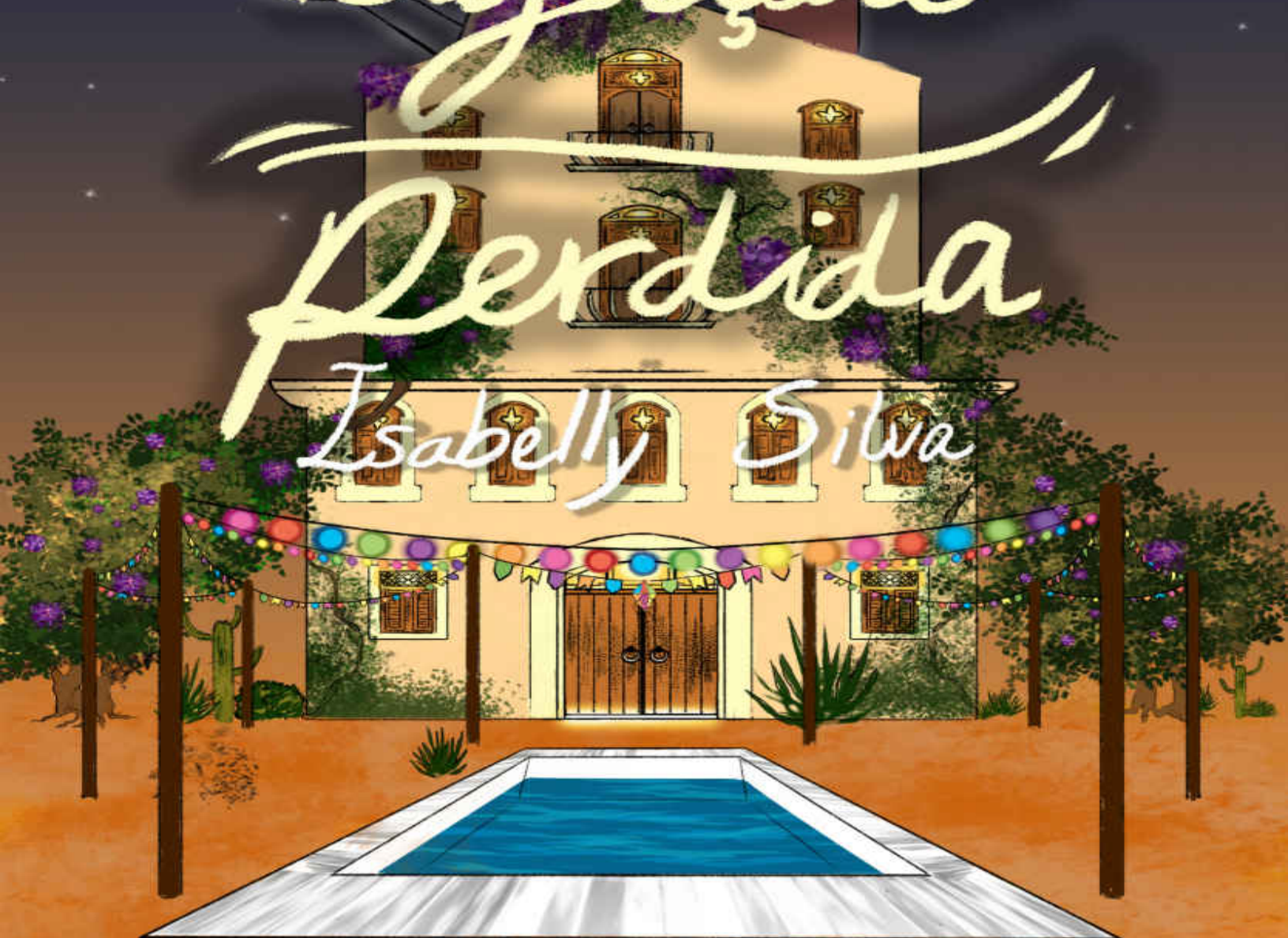




Ligação Perdida

Isabelly Silva





Copyright © Isabelly Silva

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa: Mariene Souza ([@marsjunipe](#))

Leitura crítica: Ella Ferreira ([@ellateconta](#))

Revisão: Deibi Maciel ([@deibimaciel](#)) e Isabelly Silva

Diagramação: Senara Sousa ([@senaradesigner](#))

Sumário

Capítulo 01	
Capítulo 02	
Capítulo 03	
Capítulo 04	
Capítulo 05	
Capítulo 06	
Capítulo 07	
Capítulo 08	
Capítulo 09	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Agradecimentos	
Sobre a autora	
Outras obras da autora	

Para a minha família, que me inspira em tanta coisa e é protagonista de mais um livro meu. Escrever sobre eles me traz mais prazer do que qualquer história de fantasia.



Capítulo 01

TRIUNFO ERA O LUGAR QUE MINHA FAMÍLIA E EU SEMPRE PASSÁVAMOS o São João com a minha avó, dona Vitória, até que ela morreu, nove meses atrás.

Mamãe ainda não conseguia falar sobre aquilo. Ela saía de perto quando o nome de vovó era mencionado e imaginei que pioraria ainda mais naquele momento, que estávamos prestes a passar o primeiro São João sem ela. Mamãe, meu pai, minhas duas irmãs e eu, apesar da tristeza pelo falecimento, tínhamos decidido viajar mesmo assim, já que a casa que tínhamos lá já estava fechada há alguns meses, e papai insistia que estava precisando descansar.

O único som no carro fechado era do vento batendo forte contra as janelas. Mamãe ainda estava rezando, por isso papai deixou o rádio silencioso até que ela fizesse o sinal da cruz e falasse, com a voz monótona: “Maria passa na frente”. Nós já sabíamos o que fazer em seguida: repetir a frase que ela tinha dito e fazer o sinal da cruz de volta. Só então o som alto voltava a preencher o silêncio. Antigamente, em outras viagens, mamãe rezava com um sorriso no rosto; agora, ela apenas fez o sinal da cruz e seu olhar voltou a ficar desatento, como se ela não estivesse prestando atenção a mais nada.

Julieta, minha irmã gêmea, Hosana, a mais velha, e eu

estávamos caladas no banco de trás. Usávamos as roupas novas e quentinhas que Hosana tinha trazido de São Paulo na semana passada, especialmente para essa viagem, pois o interior de Pernambuco sempre fica um pouco mais frio nessa época do ano. Julieta ganhou uma jaqueta rosa, verde e azul cheia de brilhos, e eu, um blusão branco e cinza, minhas cores preferidas.

Me encolhi no casaco e sussurrei para Hosana, que estava no banco do meio:

— Bota Roupas Novas pra tocar?

Ela olhou para mim com seus olhos verdes, dos quais eu sempre senti tanta inveja. Hosana era alta e tinha o mesmo castanho do meu cabelo, mas ela foi a única filha que herdou os olhos verdes de mamãe. Essa característica, junto às pontas loiras que sempre pintava, fazia com que ela sempre fosse o centro das atenções. Eu não me importava tanto com *isso*; diferente de Julieta, eu não fazia questão que as pessoas me observassem.

Julieta, grudada à janela esquerda, virou logo a cabeça. Seus cachinhos curtos, idênticos aos meus, balançaram, e ela reclamou:

— Eu não aguento mais Roupas Novas, coloca outra coisa!

Foi a minha vez de revirar os olhos. Antes que qualquer uma de nós pudesse falar, meu pai interrompeu:

— Já avisei que não quero ouvir nenhuma briga.

Papai era alto como Hosana, gordo, com cabelo espetado cheio de gel. Julieta e eu gostávamos de tirar onda com isso, mas depois que vovó morreu, as brincadeiras pararam. Ele não costumava ser tão sério... antes.

Olhei para Hosana, que fez uma expressão triste, como se se desculpasse.

— Vou colocar uma de cada vez, pode ser?

Assenti, mas resolvi ficar quieta. Hosana sempre tentava ajudar em momentos como esse, e eu agradecia mentalmente por não ter que responder.

Ela fez como prometido, e ficou colocando as músicas que pedíamos durante o resto do caminho. Menos de quinze minutos depois, eu já tinha me esquecido do acontecimento e voltado a ignorar Julieta, como sempre tentava fazer. A viagem seria longa, e qualquer distração seria uma benção.

Peguei o caderno que tinha deixado na bolsa, com uma atividade da escola que precisava entregar na semana seguinte. Julieta jamais faria um exercício da escola durante uma viagem, mas para mim, era a oportunidade perfeita, pois eu tinha que fazer uma entrevista com alguém da família, e Hosana foi a minha primeira opção.

No topo da atividade, anotei meu nome completo e minha idade, 12 anos. Data: 22 de junho de 2023. Disciplina... nossa, como era ruim tentar escrever com o carro em movimento.

— Zana, tu pode me ajudar com uma coisa? — falei, e já capturei completamente sua atenção. Pude ver Julieta e seu olhar curioso pelo canto do rosto, mas fiz esforço para ignorar.

Expliquei a Hosana o objetivo da atividade, e ela topou sem nem parar pra pensar.

— A primeira pergunta é — comecei. — O que tu faz da vida?

Mais uma vez, Hosana respondeu rápido, como se já tivesse a fala decorada.

— Estou desempregada, mas sou formada em Psicologia.

A voz dela, apesar de ainda ter o sotaque recifense, estava

começando a mostrar indícios da convivência com outras pessoas de São Paulo. Era estranho o quanto ela puxava o R agora; estava cada vez mais parecido com o sotaque do meu avô materno, paulista de nascimento.

— E como tu paga as contas? — fingi espanto; eu já sabia a resposta, mas precisava das palavras dela para anotar.

Hosana sorriu.

— Meu esposo trabalha e me ajuda com isso.

Hosana morava em São Paulo desde outubro, um mês depois de vovó falecer. Seu esposo tinha recebido uma oferta de emprego lá pouco antes de se casarem e ela topou se mudar, mesmo que tenha sido uma surpresa pro resto da família. Minha irmã se mudou para a antiga casa de vovô, que tinha morado em São Paulo até completar quinze anos quando se mudou de vez para o Recife. A casa do pai dela, meu bisavô, estava desocupada naquela época, por isso mamãe a ofereceu a Hosana.

Anotei tudo no papel com um sorriso. Era divertido fazer atividades da escola com Hosana; ela sempre tinha boas respostas.

— Só faltam mais duas questões — me apressei em dizer. Sabia que Hosana iria perguntar a qualquer momento se ainda iria demorar.

Limpei a garganta.

— Tu tem algum sonho que ainda não realizou?

O sorriso de Hosana ficou estranho. Eu não sabia explicar como, mas se eu tivesse que fazer uma comparação, diria que era como se uma nuvem bem fininha tivesse passado na frente do sol: não era forte demais para apagar o seu brilho, mas definitivamente era capaz de deixar a luz um pouco mais fraca.

Hosana demorou para responder.

— Não que eu lembre.

Eu queria entender mais daquela expressão dela, mas algo me dizia que era melhor não insistir.

Fechei o caderno e coloquei de volta na bolsa.

Hosana franziu a testa.

— Qual era a última pergunta?

Dei de ombros e sorri.

— contei errado. Só faltava uma.

Virei discretamente o rosto para olhar mamãe. Ela estava com os cabelos castanhos presos num rabo de cavalo que parecia muito apertado, os olhos meio desfocados, piscando devagar, como se estivesse com sono. Seus lábios estavam sem o batom vermelho que ela gostava de usar *antes*, mas nas minhas lembranças, eu ainda conseguia vê-lo ali, junto de um sorriso que também não existia mais.

Desviei o rosto depressa, com medo de que meus olhos fossem começar a lacrimejar; Hosana e Julieta cantarolavam *Trio Nordestino*, e eu jamais comentaria o que realmente estava pensando naquele momento.

Quando faltava apenas meia hora para chegarmos, peguei meu pequeno celular e fiquei revirando-o entre os dedos, sem conseguir manter as mãos quietas.

Triunfo era a terra natal da minha avó, dona Vitória. Eu me lembrava vagamente da história do casamento dela e de vovô, que tinham se conhecido naquele mesmo lugar quando ele saiu de São Paulo e veio trabalhar em Pernambuco junto com o pai; mamãe

adorava contar sobre esse evento que parou toda aquela cidade pequena, e na época era ainda menor.

Ali sempre seria um lugar feliz para mim, um esconderijo secreto no alto da serra que era friozinho e lindo. Para mamãe, porém, talvez fosse apenas mais uma lembrança de que vovó tinha partido, por isso não me surpreendi ao vê-la fungando em determinado momento. Eu gostaria de abraçá-la, mas mesmo que não estivéssemos dentro do carro, eu me sentiria desconfortável fazendo aquilo.

Lá fora, o sol começava a se pôr. Estávamos subindo a serra de Triunfo, e a visão dali era de tirar o fôlego: os morros nos rodeando, carros subindo e descendo tão inclinados que davam a sensação de que poderiam cair como pecinhas de brinquedo. Pela janela, pude ver o mundo se estendendo até mais longe do que eu poderia imaginar, cidades reduzidas a pontinhos brancos no meio do verde absoluto. Mamãe contou que havia chovido aquela semana, e as folhas das árvores pareciam pintar a planície abaixo de nós como tinta fresca sob a luz alaranjada do sol.

Eu nunca deixaria de amar aquela parte da cidade. Porém, sem vovó no carro apontando para lugares que conhecíamos e sorrindo com alguma piada que mamãe contava, não era a mesma coisa. No São João do ano passado, Hosana e o marido vieram no próprio carro, então todos nos encontramos apenas em Triunfo para comemorar o feriado. Nesse ano, porém, o marido de Hosana não foi liberado do trabalho e, como vovó não estava mais presente, minha irmã mais velha veio em nosso carro.

O pensamento não me deixou mais alegre. Eu sentia falta de ter Hosana em casa e das bagunças que nós três fazíamos. Meu coração se apertou ao me lembrar do quanto éramos unidas, especialmente Julieta e eu. Afastei o pensamento antes que a raiva voltasse.

Pisquei os olhos. Nossa, o sono estava começando a bater. Ainda eram apenas 17h45, mas a viagem de mais de cinco horas sempre me deixava cansada.

Percebi que chegamos quando papai saiu do carro para abrir o portão da casa. Só de olhar para aquele lugar, o incômodo da saudade bateu forte em mim, mais uma vez. Quase pude ouvir a voz de vovó dizendo, com um sorriso, “Nossa, que saudade que eu tava daqui!”.

Lágrimas tentaram subir aos meus olhos mais uma vez, mas respirei fundo e trinquei os dentes com força o bastante para machucar; Hosana estava olhando para mim. Saímos do carro e ela, junto a Julieta, ajudou papai a tirar as malas do carro. Olhei para a única pessoa que estava sobrando: mamãe.

Ela saiu do banco do passageiro como se o mundo estivesse em câmera lenta. O lenço em suas mãos já devia estar encharcado, porque ela passou a última hora da viagem fungando dentro dele. Assim como eu imaginava, seus olhos estavam muito vermelhos, bem como a ponta do nariz. Eu queria dizer alguma coisa, mas só de pensar naquilo, o incômodo voltou a me atingir, e eu preferi virar as costas para ela e para o olhar atento de Julieta, que me encarava enquanto carregava as malas.

Ao entrarmos na casa, me surpreendi com o tanto de poeira que tinha, e Julieta logo começou a espirrar.

— Acho que amanhã vai ser dia de faxina — Hosana comentou, torcendo o nariz.

Na parte de baixo só havia uma sala de estar, uma cozinha com uma mesa de seis cadeiras e uma porta que dava para os fundos da casa, além de um banheiro apertado. O primeiro andar, para onde meus pais tinham subido primeiro, era onde ficavam os quartos. O segundo andar era vazio, uma espécie de sótão que

Julieta e eu adorávamos brincar de esconde-esconde quando éramos mais novas.

Quando terminamos de nos ajeitar nos dois quartos — eu e minhas irmãs em um, papai e mamãe no outro — papai chamou Hosana até o quarto deles. Quando ela voltou, sugeri que Julieta e eu fôssemos ajudá-la a comprar algumas coisas no mercado.

— Mamãe precisa descansar, então é melhor a gente não entrar no quarto, — disse ela. — mas papai deu dinheiro pra bastante lanche, ok?

Julieta ia abrir a boca para protestar, eu sabia, mas Hosana se adiantou.

— Tá tudo bem, Ju. Mamãe só precisa de um tempo.

— Será que ela vai ficar triste a viagem toda? — Julieta perguntou, olhando de mim para Hosana.

— E se ficar? Ela tem todo direito — rebati, a cara fechada.

Julieta estava pronta para responder, mas Hosana foi mais rápida.

— Ela tem todo direito de ficar triste, e Julieta tem todo direito de ficar preocupada.

Nós três ficamos nos encarando, até que Julieta segurou a mão de Hosana.

— Você vai, Lu? — Hosana perguntou.

Dei de ombros.

— Prefiro ficar aqui.

Meu celular estava no bolso, lembrei. Eu poderia dar uma volta no quintal enquanto elas estivessem fora, e era exatamente aquilo

que eu estava com vontade de fazer.

Pensei que, assim que eu ficasse sozinha, conseguiria respirar aliviada, mas cada parte dali lembrava vovó: o quintal, rodeado pelo muro branco, onde dançávamos ao som de músicas juninas, o jardim que ela gostava de tirar foto com as florzinhas roxas, a piscina em que se sentava na borda para “apenas colocar os pés na água”. Eu conseguia ouvir o riso de vovó quando Julieta respingava água nela de dentro da piscina, e seus gritos quando eu empurrava Julieta, reclamando que ela parasse de jogar água. Até mesmo dos gritos eu sentia falta.

Sentei à beira da piscina e coloquei os pés na borda, assim como vovó fazia. Fiquei fazendo ondinhas na água, imaginando o quanto dona Vitória estaria feliz por fazer o mesmo. Levantei a cabeça e respirei fundo, mas antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa, ouvi passos atrás de mim. Olhei para o relógio em meu pulso, e vi que quarenta minutos tinham se passado.

Reconheci quem era apenas pelo barulho. contei até três mentalmente.

— O que é que tu quer? — perguntei antes mesmo de Julieta entrar em meu campo de visão.

Ela apareceu ao meu lado esquerdo. Julieta segurava o celular nas mãos inquietas, e seu rosto parecia preocupado, quase com medo. Minha raiva só aumentou.

— Vim te chamar pra...

— Brincar? — Cortei. Aquela sempre era a justificativa que ela usava para se reaproximar de mim. — Não quero. Se puder me deixar sozinha, já tá ótimo.

Os olhos de Julieta começaram a se encher de lágrimas. *De novo não*, pensei.

— Vai, Lu... faz tempo que a gente não...

Respirei fundo uma última vez.

— Julieta, eu não vou pedir de novo.

— Por que tu tá assim com...

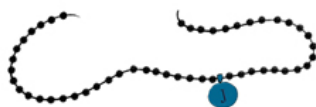
Levantei da piscina de um pulo. Atrás de Julieta, no primeiro andar, pude ver a janela fechada do quarto dos meus pais.

— Vai! Embora! Daqui!— gritei. — Eu quero ficar com a vovó, e por culpa *tua*, isso não vai ser possível. Então me deixa em *paz*!

As lágrimas no rosto de Julieta começaram a rolar de vez. Ela não disse nada; tentou falar, mas algo parecia tê-la impedido, e saiu correndo.

Vai encher o saco de Hosana, já que mamãe não está disponível agora, eu soube. Dito e feito: dei alguns passos para ver melhor a sala de estar e vi Julieta abraçando minha irmã mais velha, que me olhava de um jeito assustado.

Ela realmente não podia deixar ninguém feliz. Não pela primeira vez e, mesmo que aquele pensamento doesse um pouco, desejei que ao invés de ter causado a morte de vovó, que Julieta tivesse ido no lugar dela.



Capítulo 02

A RAIVA CONTINUOU BORBULHANDO DENTRO DE MIM, MAS PERMANECI sentada perto da piscina. Não queria voltar lá pra dentro nem tão cedo, mas pouco depois, Hosana e papai apareceram ao meu lado, e a expressão dele foi o suficiente para fazer meu coração acelerar de um jeito desconfortável. Papai não costumava ser bravo, mas só um olhar dele era capaz de me paralisar de medo.

Pelo canto do olho, vi Julieta chorando e tentando se esconder atrás da porta para espiar. Vê-la chorando tanto, mesmo que ainda me desse raiva, também me embrulhava o estômago.

Era estranho ver que tudo mudou tanto em menos de um ano. Antes, vovó gostava de ver o quanto Julieta e eu éramos unidas, do quanto a gente brincava de trocar de lugar para enganar os outros, e de que raramente sentíamos vontade de estar com outras crianças, porque a companhia uma da outra já era o suficiente - e isso era dizer muito, já que Julieta preferia estar mais tempo fora de casa do que dentro. Apesar disso, ela sempre adorou a minha companhia, e trocava qualquer aventura por uma tarde comigo. A época de São João era ainda mais divertida, com todos nós viajando para Triunfo e tendo sempre novas histórias pra contar. Julieta e eu passávamos praticamente o feriado inteiro na piscina, jogando água em quem passasse, mesmo que papai reclamasse toda vez.

Vovó sempre permanecia perto do jardim. Eu ficava de olho nela, recebendo beijinhos no ar sempre que ela olhava de volta para mim. Só queria que vovó estivesse se divertindo também. Ela sempre gritava quando me via brincando de empurrar Julieta para debaixo d'água e, mesmo que soubesse que não era de verdade, seu instinto de preocupação com as netas era maior. Eu pedia desculpas a Julieta logo em seguida, mas ela me empurrava de volta e nós caíamos na gargalhada, enquanto vovó voltava a sorrir e a tirar foto das plantinhas, da gente e de tudo.

Meus olhos arderam ao ver papai me encarando com raiva. Tudo costumava ser tão bom. Vovó deveria estar aqui hoje, comemorando mais um São João, dançando forró no quintal e contando histórias sobre como vovô tinha conquistado ela numa festa do interior; eu mesma não tinha lembranças dele, que faleceu quando Julieta e eu tínhamos dois anos de idade.

Todas aquelas lembranças voltavam sempre que eu sentia vontade de me reaproximar de Julieta. E a raiva apenas crescia.

— Qual foi o motivo dessa gritaria? — Papai esbravejou.

Dei de ombros. Minhas mãos tremiam.

— Julieta não me deixa quieta.

— Ela é tua irmã e tu não pode falar assim com ela — seu tom de voz aumentou, mas ele não se aproximou.

Olhei para os dedos dele, que se abriram e fecharam, e comecei a tremer ainda mais.

— Hosana — ele olhou para ela. — É assim que tu tá cuidando das tuas irmãs? Deixando elas quase saírem no tapa?

Hosana respirava forte, mas seu rosto não demonstrava nenhum sinal de medo, como o meu provavelmente estaria.

— Pai, elas não vão brigar mais — ela me olhou, como se pedisse que eu confirmasse. — Não é, Lu?

Tive vontade de gritar que não, mas eu não seria capaz de fazer isso com ela.

— Sim — sussurrei, quase cuspindo.

Papai olhou de mim para ela, como se não acreditasse, mas não disse nada. Saiu andando rápido, fúria em cada passo seu.

Hosana se virou para mim, não tão brava quanto ele, mas seus olhos pareciam cansados.

— Lúcia, peça desculpas a Julieta.

Arregalei os olhos.

— Eu não disse nada de mais!

— Lúcia, *agora*.

Voltei para a sala de estar sem enxergar direito o caminho de tanta raiva.

— Desculpa — falei para Julieta, minha expressão contida, o rosto dela coberto de lágrimas. Meu coração se apertou novamente, mas não continuei.

Julieta não respondeu nada, apenas ficou encarando.

Olhei para Hosana, como se perguntasse se ela estava satisfeita.

— Pode ir tomar banho, — começou ela. — mas desça depois pra ajudar com a janta.

Não precisei ouvir duas vezes. Subi depressa, mas com cuidado, para que meus passos raivosos não pudessem acordar mamãe.

Demorei o máximo que pude no banho, o que significou meia hora, antes que Hosana batesse na porta.

— Julieta tá usando o outro banheiro, e alguns de nós tem prisão de ventre — disse ela, batendo sem parar.

Não respondi. Sabia que ela estava tentando conversar normalmente comigo para que eu falasse sobre o que tinha acontecido, mas minha raiva não me permitia nada além de revirar os olhos.

Saí do banheiro, troquei de roupa, preendi o cabelo e fiquei no quarto esperando Hosana voltar. Se eu descesse sozinha, daria de cara com Julieta, e era difícil prever minha reação se ela dissesse algo, ou pior, ainda estivesse chorando. Naquele momento, eu não queria descobrir.

Enfim, Hosana saiu do banheiro e foi até o quarto me chamar para descer.

— Vamos — disse ela, estendendo a mão. Não tive muita alternativa além de segurá-la, mas não foi tão desconfortável assim.

Na cozinha, Julieta estava sentada numa das cadeiras da grande mesa de seis lugares. Ela olhou logo para mim, mas desviei o olhar rapidamente.

— Lú, coloca o cuscuz de molho, por favor — Hosana começou, apontando para perto da pia. — Ju, já que você está cortando os tomates, aproveita e corta a cebola também. Cuidado pra não arder os olhos.

Ela se aproximou de Julieta e lhe deu um beijinho na testa. Algo em mim se revirou por dentro, mas não consegui entender o que era. Virei-me na direção da pia e, um segundo depois, uma música começou a tocar. Hosana colocou o próprio celular para reproduzir *A casa da saudade*, de Flávio José, e aumentou o

volume. A música estava baixa o suficiente para que não chegasse ao quarto dos nossos pais, mas alta o bastante para que nenhuma de nós conseguisse ficar conversando. Quando olhei por cima do ombro, vi que Julieta estava o mais distante possível.

O jantar ficou pronto uma hora depois. Hosana cozinhou a charque e a calabresa, pediu que Julieta colocasse as verduras ali dentro e, quando tudo ficou pronto, quase tive vontade de desmaiar de fome. Empilhei um monte de cuscuz no meu prato, e teria ido comer no quarto se não fosse por Hosana, que arrumou a mesa para três.

Ela se sentou numa cadeira entre a de Julieta e a minha, seu rosto era pura felicidade ao olhar para o próprio prato de comida, ainda maior que o meu.

— Bom apetite, gatinhas — disse ela, sorrindo.

Tive vontade de sorrir de volta, mas minha boca estava travada.

Pela visão periférica, pude ver que Julieta tinha começado a comer. Alguns minutos depois, foi ela que quebrou o silêncio desconfortável.

— Sinto saudade da mamãe — disse ela. Pensei que estava falando comigo, mas seus olhos estavam direcionados a Hosana.

Pisquei várias vezes. Eu não esperava que ela fosse dizer aquilo. Ao vê-la com os olhos avermelhados, um pouco da raiva que eu sentia se transformou em... algo que eu não sabia interpretar.

Minha irmã mais velha abriu um sorriso triste.

— Eu também sinto — ela remexeu a comida no prato. — Mas mamãe deve estar passando por um momento que nem consigo imaginar. Ela não esperava que vovó fosse falecer tão cedo e, bom... Triunfo sempre foi o nosso lugarzinho, né?

Julieta assentiu, e não pude evitar concordar também.

— Ela também viajava pra cá desde que era criança, né? — Julieta perguntou. — Com vovô.

Hosana confirmou com a cabeça.

— Eles tinham a mesma tradição de vir aqui todo mês de junho. Deve ser difícil pra mamãe lidar com essas memórias, sabendo que cada pedaço desse lugar lembra eles.

Eu entendia exatamente aquele sentimento, mas não tinha parado para pensar que mamãe também sentia aquilo, só que mil vezes pior.

— Não sei se eu conseguiria fazer isso — soltei, antes de perceber que não queria falar nada. Me encolhi na cadeira e cruzei os braços.

— Como assim? — Hosana perguntou.

Dei de ombros.

— Voltar pra cá. Ver isso tudo. Acho que seria muito ruim.

Hosana sorriu mais uma vez.

— Mas não é isso que a gente está fazendo agora?

Olhei para Julieta, mas ela estava de cabeça baixa. Desviei o rosto de novo.

— Eu sei que mamãe tá distante e que, normalmente, a gente estaria dando voltas pela cidade inteira — Hosana continuou. — Mas ela precisa desse tempo sozinha. Vai ficar tudo bem, ok?

Julieta e eu concordamos. Pela primeira vez em muito tempo, estávamos de acordo em alguma coisa e, embora eu ainda sentisse raiva, a pontada de dor conseguiu ser ainda maior.



Capítulo 03

DEPOIS DO JANTAR, PEDI PERMISSÃO A HOSANA PARA SAIR DA MESA. Ela assentiu, parecendo bem mais relaxada depois de comer, embora seu olhar ainda passasse de mim para Julieta o tempo todo, como se ela estivesse esperando uma briga começar a qualquer momento.

Coloquei um casaco e fiquei deitada na cama, tentando aproveitar os poucos momentos de silêncio; alguns minutos depois, Hosana chegou. Me sentei rápido, achando que teria que sair se Julieta tivesse vindo junto, mas ela veio sozinha.

Hosana colocou o celular para carregar perto da tomada e ficou teclando durante alguns segundos. Talvez para o esposo. Fiquei olhando, sem nada para fazer, até que ela deixou o aparelho em cima da mesinha de cabeceira e olhou para mim.

— Jorge não para de me perguntar o que eu tô fazendo, isso está me estressando.

Levantei uma sobrancelha.

— E desde quando alguma coisa te estressa? — respondi, fingindo seriedade.

Ela mostrou a língua pra mim, mas logo começou a sorrir.

— Pensei que tu gostasse das milhões de mensagens que ele manda — continuei.

Até para alguém desatento, dava pra notar o quanto o marido de Hosana enchia o saco dela.

O sorriso da minha irmã desapareceu um pouco.

— Gostava, eu acho. Mas gosto bem mais de estar com vocês aqui.

Fiquei ainda mais confusa, mas tentei não demonstrar. Queria perguntar o motivo disso, mas Hosana provavelmente falaria durante horas, e isso daria brecha pra que ela perguntasse sobre mim também. Adultos e seus problemas de adulto.

— Aconteceu alguma coisa, Lúcia?

Droga. Eu imaginava que aquela pergunta viria, mas me incomodei mesmo assim. Hosana não me olhava com raiva, mas como se realmente estivesse preocupada.

Dei de ombros.

— O mesmo de sempre.

Peguei meu próprio celular e fingi estar digitando.

Minha irmã pigarreou.

— O que é o *mesmo de sempre*? Gritar com Julieta e deixar ela chorando? Você nunca fez isso com ela, Lúcia.

Tive vontade de revirar os olhos, mas não o fiz. Isso só deixaria Hosana mais impaciente.

Ela esperou um tempo. Ouvi-a suspirar, e minha curiosidade foi grande o suficiente para precisar olhar para ela.

— Lúcia, você quer me contar o motivo de estar tratando ela

assim? — perguntou ela baixinho.

Às vezes, eu esquecia que ninguém sabia da minha raiva. Ninguém culpava Julieta pela morte da vovó, mesmo que fosse óbvio, e isso só me deixava ainda mais revoltada. Todos a tratavam como se tudo fosse ficar bem, mas nada traria a minha avó de volta. Às vezes, eu também esquecia que Hosana estava quase se formando em Psicologia, e a mania dela de sempre fingir que tudo podia se resolver com uma conversa me irritava demais.

Suspirei.

— Não foi nada, Hosana. Posso descer?

Ela me encarou por um segundo, mas não respondeu ao meu tom grosseiro.

— Você acabou de subir.

— Quero ficar mais um pouco no quintal. Na volta, deixa que eu lavo os pratos.

Levantei também, mas antes que eu pudesse sair do quarto, Hosana se levantou também e puxou meu braço de leve, e eu soube que era para um abraço.

O cheiro dela era reconfortante; o aroma da nossa casa antiga, quando todos ficávamos juntos para o almoço de domingo, e eu não sabia o que era chorar por dias seguidos de saudade de alguém.

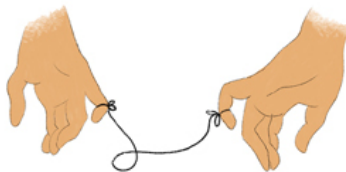
Minha habilidade de esconder o choro da família ainda estava em dia, então forcei um sorriso tão convincente que minha irmã até sorriu de volta.

Ela se soltou do abraço e olhou para mim.

— Tu vai ficar bem? — perguntou, dando um beijo no topo da

minha cabeça.

— Vou tentar — sussurrei de volta.



Capítulo 04

A SAUDADE DE VOVÓ BATEU NOVAMENTE ENQUANTO EU CAMINHAVA sozinha por ali. Cada passo dentro daquela casa me trazia uma lembrança nova, de um ano diferente, de uma vida diferente.

O jardim parecia vazio sem ela e as flores roxas, mais murchas, sem vida. A piscina estava silenciosa demais, sem Julieta e eu jogando água para fora, e os gritos de vovó logo em seguida.

Além da ausência dela, o pior de tudo era a ausência da minha mãe, mesmo quando ela estava ao alcance dos meus olhos. Se eu sentia vontade de chorar a cada lembrança de vovó, nem conseguia imaginar como ela estaria, já que sequer deixava o quarto.

Um dia antes da viagem, enquanto estávamos arrumando as malas lá em casa, Hosana e papai tentaram ao máximo animá-la dizendo que seria uma boa oportunidade de ter momentos bons em família, mas as lágrimas nos seus olhos indicavam que ela não estava tão convencida. Eu sentia falta de conversar com mamãe, mas era melhor não falar nada do que atrapalhá-la com meus problemas idiotas. Se eu dissesse a ela tudo que eu pensava sobre Julieta, provavelmente só pioraria toda a situação. Então eu guardaria tudo aquilo para mim, até que... o que? Eu não sabia.

Sentei à beira da piscina, a saudade doendo como mãos apertando meu coração. Senti um incômodo no bolso esquerdo, e

lembrei que era o celular que estava ali. Peguei o aparelho e, de súbito, um pensamento me surgiu: eu ainda tinha o número antigo da casa de vovó. Ninguém mais morava lá desde o falecimento, e o número provavelmente já teria sido desativado, mas ele continuava em meu celular.

Estranho. Naquele momento, eu senti como se tudo ainda fosse normal e que, se eu ligasse para ela, vovó atenderia e diria “oi, Lú, tá tudo bem? Tua mãe tá precisando de alguma coisa?”. Eu ainda ouviria a sua voz alta, mesmo que ela estivesse sozinha em casa, e responderia num tom de voz também alto, embora eu não soubesse exatamente o porquê, “não, vó, eu só queria ficar falando com a senhora”.

Meu peito apertou tão forte que foi difícil respirar fundo. Sentei-me perto da piscina e coloquei os pés na água mais uma vez. Ninguém da minha família apareceria ali àquela hora, quase 10 da noite, mas eu ainda tinha medo que alguém me visse chorando.

Limpei as lágrimas e fiquei encarando a tela. Eu nunca tentei ligar para aquele número desde que ela faleceu e, provavelmente, seria muito pior se eu ligasse e o telefone apenas ficasse chamando para sempre.

Apesar disso, meus dedos se moveram como se não estivessem sob meu controle. Quando dei por mim, estava com o celular na orelha, as lágrimas descendo. Olhei para cima, e estava prestes a implorar que, por algum milagre...

— Oi, Lú — a voz de vovó soou em meus ouvidos. — Tá tudo bem?



Capítulo 05

— V-vó?

Gaguejei com essa única palavra, e não era para menos. Minhas mãos tremiam tanto que dificultava segurar o celular preso à orelha, as palmas suadas. Olhei ao redor, assustada e aliviada ao mesmo tempo. Aquilo não podia ser real.

Ouvi vovó suspirar.

— Que saudade de tu, Lúcia. Tua voz mudou, tá bem mais parecida com a de Julieta, mas eu não confundiria de jeito nenhum. Tu deve estar tão grande!

Eu não tinha forças para impedir as lágrimas de descerem. A voz de vovó era exatamente a mesma: fraquinha, como se ela estivesse se esforçando para fazer as palavras saírem, mas cheia de animação.

— É a senhora mesmo? — consegui, enfim, dizer. Mesmo que a pergunta fosse óbvia, eu precisava que ela dissesse. Precisava confirmar que não era só coisa da minha imaginação.

Vovó riu e, só com isso, percebi que não estava delirando. Até mesmo o sotaque era como eu me lembrava: recifense, mas com um toque do interior e um pouco do R paulista puxado, fruto da

convivência de quase quarenta anos com vovô.

— Claro que sou eu, Lúcia. Quem mais atenderia o meu telefone?

Apesar das lágrimas, dei uma risada.

— É, acho que faz sentido — respondi.

Limpei o rosto com a mão livre.

— Mas... como isso é possível? A senhora...

Até mesmo pensar na palavra “morreu” fez meu estômago revirar.

— É, eu sei — ela suspirou de novo. — Eu não tô exatamente... *Viva*, mas eu precisava te dizer uma coisa. É por isso que atendi ao telefone.

Endireitei a coluna e agarrei o celular com ainda mais força.

— A senhora não quer falar com Hosana primeiro? Com mamãe!

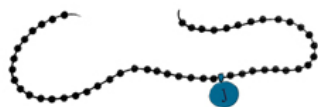
— Não, Lúcia! — sua voz se tornou instantaneamente séria, como se eu tivesse dito algo errado.

Meu coração se apertou.

— Tu não pode interromper a ligação — disse ela, mas, nesse instante, a conexão começou a ficar mais fraca.

— Vó... vovó!

Tentei levantar da borda da piscina. Não tive tempo nem para respirar. Quando virei de costas, a figura de Julieta andava rápido em minha direção e, antes que eu pudesse gritar para que minha irmã tivesse cuidado, ela escorregou no piso molhado, esbarrou contra meu corpo, e nós duas caímos direto na piscina.



Capítulo 06

SUBI PARA A SUPERFÍCIE E OLHEI POR TODO LADO ATÉ ENCARAR, apavorada, o aparelho afundando na água.

— Olha o que você fez! — gritei para Julieta, empurrando-a para longe de mim.

Não esperei para ver a reação dela, que parecia estar gritando alguma coisa de volta. Prendi a respiração e mergulhei em busca do celular. Quando ele estava firme em minhas mãos, emergi novamente e saí da piscina. Peguei o celular e apertei a tecla de ligar, mas era difícil segurar direito com as mãos molhadas.

Não ligou.

Meu coração bateu tão forte a ponto de machucar, meu maior desejo era jogar o celular na cara de Julieta.

— Lúcia, eu...

— Sai de perto de mim! — gritei ainda mais alto, o que foi um erro.

Um minuto depois, ouvi a voz de Hosana.

— Ei, ei, o que tá acontecendo aqui? — perguntou ela com as sobrancelhas franzidas.

Meu coração acelerou. *Talvez eu possa tentar ligar novamente...*

— Me dá seu celular — pedi, com a voz contida.

— Pra que? — Julieta rebateu, com os olhos vermelhos me encarando.

— Não falei com você — esbravejei para minha irmã gêmea.
— Hosana, por favor. Eu te explico depois.

Vou mesmo? Ela nunca vai acreditar nessa história.

Eu não queria pensar naquilo, não naquele momento. Eu só precisava ligar para vovó de novo. Só precisava ouvir a mensagem.

Minha outra irmã olhou de mim para Julieta e, embora sua expressão ainda estivesse confusa, tirou o celular do bolso e me entregou. Me afastei alguns passos das duas e vi, pelo canto do olho, que Hosana foi falar com Julieta. Isso não me interessava.

Tentei secar as mãos na roupa antes de discar o número da casa antiga de vovó, o que foi inútil, pois elas estavam igualmente encharcadas. Vovó atenderia, *tinha* que atender...

“Este número está fora de área ou não existe”.

Bufei. Olhei para a tela e voltei a colocar o celular no ouvido, uma, duas... sete vezes. Na última vez, a chamada nem sequer se completou. Fiquei parada, meu olhar sem foco, um zumbido em meus ouvidos como se eu ainda estivesse mergulhando na piscina.

Minhas mãos começaram a ficar dormentes. Alguma coisa estava errada. Se ela tinha algo tão importante para me dizer, então por que foi embora?

Voltei meu olhar para Julieta, o celular de Hosana esquecido em minhas mãos que tremiam cada vez mais.

— Isso é culpa *sua*! — Comecei a dizer, mas quando percebi, estava gritando. — Por que tu fez isso? Sabe que eu odeio susto!

— Eu não quis te dar um susto! — Julieta gritou de volta, mas sua voz era bem mais fraca que a minha. — Eu só queria...

— O que? — berrei ainda mais alto, mas Hosana já estava ao meu lado, me segurando. Senti meu peito ser tomado por uma onda de tristeza e raiva. — Ser uma imbecil, como sempre foi? Olha o que tu fez!

— Lúcia, abaixe esse tom agora! — foi a vez de Hosana aumentar a voz, abandonando a calma.

As palavras estavam presas em algum lugar na minha garganta, mas ela nunca acreditaria se eu as dissesse.

Me senti sufocada ali no meio delas. Eu não sabia o que fazer, como agir, não sabia nem o que pensar. Não sabia como começar a explicar. Não sabia se entenderiam, nem se eu estava entendendo.

Eu não imaginava que as coisas poderiam piorar, mas quando olhei para Julieta, notei o colar de bijuterias que ela usava. O colar que vovó tinha dado anos antes, um para mim e outro para ela, idênticos a não ser pelas pedrinhas que continham nossas iniciais.

Me aproximei de Julieta e puxei o colar, quebrando-o na hora.

— Tu deveria ter ido no lugar dela — falei num tom mais baixo.

Julieta arregalou os olhos, a dor neles era refletida nos meus.

Antes que Hosana pudesse reclamar de novo, ouvi passos se aproximando. Papai descia as escadas, e seu olhar era ainda mais furioso que o meu.

— Agora já chega! — berrou ele. — Todo mundo pra cima, AGORA! E não quero ouvir mais nem um pio!

Subimos em silêncio, as três, e eu sabia que Hosana estava chocada demais para dizer qualquer coisa. A caminho do quarto, tentei não deixar que o choro me dominasse, mas mal consegui chegar à porta — desviei para o banheiro, que estava vazio, a ansiedade me sufocando como um ratinho nas garras de um leão. Deixei as lágrimas rolares até me trancar lá dentro e liberar tudo que estava guardado.

As pedrinhas do colar de Julieta machucaram a palma da minha mão, mas eu não as soltei.



Capítulo 07

NÃO SEI QUE HORAS FUI DORMIR, MAS SEI QUE FIQUEI NO BANHEIRO durante quase uma hora.

Não pude ouvir Julieta e Hosana no quarto, e parte de mim se arrependeu de ter sido grossa com a minha irmã mais velha. Sobre Julieta... eu não conseguia sentir nenhum arrependimento. Por causa dela, eu jamais saberia o que vovó queria me dizer.

Na minha cabeça, a mesma mensagem se repetia, dizendo que o número não existia mais. Eu até tentaria ligar de novo, mas o celular estava com Hosana, e eu não queria entrar no quarto. Era como se vovó tivesse partido novamente, e já tinha sido difícil demais superar aquela perda uma vez.

O dia seguinte seria a véspera de São João, mas todo o ânimo que eu tinha me abandonou.

Resolvi continuar no banheiro por mais algum tempo, deixando que as lembranças me afogassem de vez.

*

ERA O COMEÇO DO MÊS DE SETEMBRO QUANDO VOVÓ MORREU.

Morávamos num pequeno prédio de dois andares, vovó na

casa de cima, minha família na parte de baixo. Ela já estava acostumada a viver sozinha desde que meu avô faleceu, quase dez anos atrás. Mesmo com 70 anos, vovó conseguia andar para lá e para cá sozinha, embora Julieta e eu costumássemos subir para a casa dela vez ou outra, apenas para ajudar com algo caso fosse preciso.

Uma vez, quando eu estava descendo as escadas e voltando para casa, ouvi mamãe conversando com papai sobre contratarem uma cuidadora, já que vovó tinha tido um infarto menos de um ano antes. “Ainda é cedo”, papai dizia. Vovó ainda era forte como um touro, e ela mesma se incomodava com a ideia de ter alguém em sua casa “enchendo o saco sem necessidade”, como costumava resmungar.

Depois de ter ouvido tudo, fingi que tinha acabado de chegar e corri para contar tudo à Julieta. Ela estava trancada no próprio quarto, escutando Floribella num volume alto e tive que bater forte na porta antes que ela abrisse. O quarto de Julieta era bem parecido com o meu: paredes pintadas de rosa, pôsteres de desenhos infantis pregados para todo lado, marcas de tinta por todo canto. Até mesmo no momento que entrei, Julieta estava com as mãos cheias de tinta, em cima da cama, desenhando no teto, e quase caiu dali com o susto da batida.

— Não, não abaixe o som! — falei ao trancar a porta. — Assim papai e mamãe não vão ouvir.

Minha irmã assentiu como se eu tivesse dito algo intrigante e pulou sentada na cama, os olhos esbugalhados de curiosidade, os cabelos melados de rosa, azul e verde claro.

— Então você acha que vamos precisar ficar de olho nela? — Julieta perguntou, após eu contar tudo, o olhar preocupado. — Mas vovó é tão... forte. É óbvio que a gente não vai fazer muita diferença, a gente só tem onze anos. *Ela* é que cuida da gente.

Revirei os olhos.

— Eu sei que não dá pra gente fazer o trabalho de um cuidador, — falei. — mas ainda assim... eu vou ficar mais tranquila sabendo que ela não tá sozinha o tempo inteiro. A gente pode revezar e vai ser bom pra gente passar um tempo com a vó! Vai, por favor, diz que concorda!

Julieta não conseguia dizer não para mim, mesmo insistindo que as aulas de natação durante a tarde eram importantes para ela. Eu a amava por isso.

Depois da nossa conversa, anunciamos que, ao invés de continuarmos fazendo as aulas todas as tardes, ficaríamos com vovó durante alguns dias da semana: quando Julieta estivesse na aula, eu estaria em casa, e vice-versa. Papai e mamãe estranharam, mas apenas respondi que era porque eu queria que vovó me ensinasse a fazer crochê, só que sempre chegava tarde em casa e cansada demais para isso. Não era exatamente uma desculpa, porque vovó realmente tinha prometido me ensinar crochê, e isso foi o suficiente para que eles aceitassem. Os dois passavam o dia inteiro trabalhando, então, contanto que Julieta e eu não descêssemos para ficar sozinhas em nossa casa, tudo poderia ser resolvido.

O combinado deu certo, até que não deu mais.

Quando eu passava as tardes com vovó, tudo era incrível. Eu a ajudava a cozinhar a janta, colocar comida para os gatos, fazer feira na rua e até assistíamos a novela das 18h juntas, esperando papai e mamãe chegarem em casa com Julieta. Até tive vontade de sair das minhas próprias aulas, porque estar com ela era sempre mais divertido.

Minha irmã, por outro lado, achava um saco. Ela se deitava no sofá e assistia filmes durante a tarde inteira, e logo nós duas

começamos a brigar: de um lado, eu dizia que ela deveria ajudar mais e, de outro, Julieta jogava na minha cara que só estava fazendo aquilo porque eu pedi, que não havia necessidade daquilo. As brigas eram silenciosas, para que nossos pais não descobrissem, mas o combinado continuou. Julieta continuou indo para a casa de vovó, sempre reclamando por preferir estar em qualquer outro lugar, e eu estava prestes a abandonar completamente as aulas de natação para ficar todos os dias com vovó, já que minha irmã achava aquilo uma chateação enorme. Ju, por outro lado, parecia estar investindo ainda mais nas aulas, principalmente depois que descobriu que a escola faria uma pequena competição para incentivar outras crianç as e adolescentes do nosso bairro a participarem das aulas.

Na quarta-feira, um dia antes do *dia*, tive uma tarde incrível com vovó. Eu estava melhorando meus pontos no croch , e até tivemos tempo de assistir ao meu filme preferido da Barbie: o *Castelo de Diamantes*. Depois disso, ao anoitecer, ajudei vovó a varrer a casa quando ela mencionou que estava se sentindo um pouco cansada, e tentei fazer ovos mexidos (que ficaram horríveis, salgados demais e um pouco queimados). Eu tive certeza de que, mesmo que vovó aparentasse estar bem, aqueles momentos valeriam a pena: pelas risadas, pela ajuda, pelo simples fato de estarmos lado a lado, aproveitando o sol indo embora através das grades do terraço enquanto tomávamos café.

Na quinta-feira, ao terminar a aula, papai estacionou o carro na frente da escola, como sempre fazia. Eu estava pronta para dar o discurso de que estar com vovó era muito melhor, porque eu nem gostava tanto assim das aulas, quando vi que ele estava sozinho no carro. Achei estranho, pois ele sempre buscava mamãe no trabalho primeiro. Além disso, os olhos dele estavam vermelhos.

— Oi, Lúcia — disse papai.

Outra coisa estranha: ele sempre me chamava de L .

— Oi, pai — respondi, cautelosa. — Cadê mamãe?

Ele fungou.

— Foi pra casa mais cedo. Alguém te ligou?

Ergui uma sobrancelha.

— Não. Por que?

Papai forçou um sorriso.

— Ah, nada. Vamos indo, então.

Ele dirigiu de volta para casa num silêncio tenso, tão tenso que eu sequer tive vontade de falar qualquer coisa.

Tudo virou de cabeça para baixo quando desci do carro e vi, ao longe, as luzes da casa de vovó apagadas. Chegando perto da minha, ouvi soluços vindo da cozinha. Olhei para papai, que ainda estava calado, os olhos muito vermelhos.

Não esperei por ele. Me adiantei, quase correndo.

A partir daí, minha memória começava a se esfarelar, como se eu não devesse me lembrar dos detalhes daquela noite.

Julieta chorava, Hosana a abraçava, e mamãe estava tão pálida que parecia prestes a desmaiar ali mesmo. Papai foi logo ao encontro dela, que se jogou nos braços dele de um jeito que nunca a vi fazer.

Perguntei o que estava acontecendo, mas ninguém pareceu me ouvir. Então eu dei um grito, e todos olharam para mim.

— O que houve? — gritei mais uma vez.

Hosana soltou Julieta por tempo o suficiente para se aproximar de mim e dizer algo que eu não esperava ouvir.

— Vovó teve outro ataque cardíaco, mas... — Hosana respirava fundo enquanto falava. — Ela estava sozinha na hora... não deu tempo de ligar para a ambulância...

Olhei imediatamente para Julieta, que chorava mais do que todos os outros.

— Como é? — eu quase não conseguia enxergá-la em meio às lágrimas. — Como assim ela tava *sozinha*?

Julieta parecia engasgar ao tentar falar.

— Lú... me perdoa... o concurso de natação da escola era hoje...

— Você deixou ela sozinha por causa de um *concurso*? Tu me prometeu!

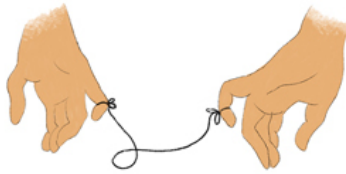
Minha voz saiu alta e estridente sem que eu sequer conseguisse controlar.

Hosana, papai e mamãe se viraram para mim de uma vez, os olhares assustados. Hosana foi a primeira que falou:

— Lúcia, isso *não* foi culpa dela. Ninguém imaginava que algo assim aconteceria.

Não aguentei todos me olhando como se *eu* fosse a errada por ter aquela reação. Como se Julieta não fosse a responsável por tudo aquilo.

Me afastei do toque de Hosana, que estava mais perto de mim, e saí pela rua. Por pouco, um ciclista não me bateu de frente. Não me importei. Vovó não estava mais comigo. Eu nem tive certeza se alguém mais estava.



Capítulo 08

AS LEMBRANÇAS DOÍAM COMO SE EU TIVESSE ACABADO DE VIVER aqueles momentos de novo. Apesar disso, eu não podia permanecer trancada no banheiro para sempre.

Saí para o corredor e caminhei até a porta do quarto, mas antes de tocar na maçaneta, ouvi um barulho abafado de choro. Julieta, eu sabia.

Afastei a mão da maçaneta e, na ponta dos pés, caminhei até as escadas e desci para a sala de estar. O sono que eu sentia era grande, além da dor de cabeça que tinha começado depois do choro, mas qualquer coisa seria melhor do que subir de volta para o quarto. No térreo, tudo estava escuro, exceto pela luzinha de um abajur perto da prateleira de livros. Ler agora seria uma boa opção; um bom livro de fantasia, que me fizesse mergulhar num universo totalmente novo e esquecer do meu.

Antes que eu pudesse perceber, tinha adormecido no sofá. Meus sonhos foram demorados e, em um deles, vi papai se aproximando de mim com os braços estendidos. Talvez eu tenha mergulhado tão fundo que meus pés saíram do chão completamente, porque quando acordei, na manhã seguinte, estava na minha própria cama.

Olhei ao redor, muito confusa, mas talvez a explicação fosse

simples: Hosana provavelmente não me encontrou no quarto, desceu e me trouxe no colo para dormir na cama. Eu não me lembrava de Hosana ser tão forte assim; a única pessoa que poderia ter facilidade em me carregar seria papai, mas era estranho pensar que ele faria algo desse tipo.

Arregalei os olhos e estava prestes a me sentar, quando ouvi a porta abrir e fechar.

— Bom dia, Ju — disse Hosana.

Eu estava de costas para as duas, então elas não podiam ver que eu tinha acordado.

— Oi, Ró — respondeu Julieta, sua voz rouca. Pela distância da voz dela ser menor, presumi que Julieta ainda estava deitada, e Hosana era quem tinha chegado.

Não pude ver a expressão da minha irmã mais velha, mas ela demorou para responder.

— Não faz barulho — Julieta continuou. — Lúcia ainda tá dormindo.

Não gostei do quanto aquela pequena frase doeu. Talvez estivesse na hora de sair logo dali.

— Não precisa se incomodar — sentei-me, tirando o cobertor de cima de mim. — Vou tomar café.

Sentei e olhei na direção da porta. Hosana estava ali, encostada na parede, com uma xícara de café nas mãos.

Fui em direção à saída, mas Hosana passou o braço na frente da porta.

— Não está esquecendo de nada? — perguntou ela, uma sobrancelha erguida.

Fiz força para não revirar os olhos.

— Bom dia, Zana. *Posso* descer?

Minha irmã tirou o braço da frente, uma resposta bem clara. Saí logo, antes que mais alguém resolvesse falar algo.

Mal fiquei cinco minutos lá embaixo, sentada no sofá, quando Hosana desceu novamente. Vi que seu rosto estava sério, mas algo em minha própria expressão deve ter feito ela mudar de opinião, pois abriu a boca mais de uma vez, hesitante.

— O que foi? — Me adiantei. Se ela fosse reclamar, eu queria estar preparada.

Hosana respirou fundo.

— Vem pra mesa da cozinha.

Levantei uma sobrancelha.

— *Agora* — completou ela.

Aí estava a Hosana impaciente que eu me lembrava.

Não demorei a obedecer, mas ao ver que ela estava tirando ovos para fritar, me levantei de novo em direção ao armário, onde estavam as frigideiras.

— Eu que vou fazer a comida — Hosana disse quando peguei uma panela.

— Não precisa — rebati. — Eu gosto de coz...

— Senta e para de ficar falando.

Sentei e parei de ficar falando.

O único som, durante os próximos dez minutos (contados, pois fiquei olhando o relógio), foi da frigideira assando os ovos, um cheiro

de comida quentinha preenchendo a cozinha pequena. Senti como se estivesse num desenho animado, vendo nuvens de vapor carregando o cheiro da comida em minha direção.

Hosana finalizou os ovos, pegou vários pães e colocou dentro de um prato, no meio da mesa. Sem conseguir evitar, me estiquei para ajudar, mas ela deu um tapinha de leve na minha mão.

— O Conselho de Psicologia deixa tu fazer isso com as pessoas? — falei, estirando a língua.

— Você não é minha paciente, então eu posso.

Eu sentia falta de brincar assim com Hosana, mesmo que a situação na noite anterior não permitisse que eu apreciasse o momento por completo; a cada segundo, eu me lembrava da expressão de Julieta, dos gritos, e tudo parecia perder a cor.

Cruzei os braços, e Hosana devia ter percebido a mudança na minha postura. Como eu disse, às vezes era uma droga ter uma irmã psicóloga.

Antes mesmo que eu pudesse começar a comer, Hosana sussurrou, tão baixinho que apenas eu seria capaz de ouvir:

— Julieta está bem magoada. Chorou até dormir e disse que ia comprar outro celular pra você, mesmo sem ter dinheiro nenhum.

Meu estômago revirou. Tive que fazer um esforço para que ela não visse que minhas mãos também começaram a tremer de nervoso.

— O que está acontecendo, Lúcia? — perguntou ela diretamente.

Respirar fundo. Eu tinha que me lembrar de respirar fundo.

— Não foi nada, Hosana. É sério.

Ouvi-a suspirar, e minha curiosidade me fez virar o rosto em sua direção.

— Você se lembra do dia em que falei pra papai e mamãe sobre morar em São Paulo? — perguntou ela.

Franzi a testa, confusa.

— Lembro — respondi devagar, sem entender exatamente para onde a conversa estava indo. — Por que?

Hosana deu de ombros, uma expressão estranha em seu rosto, eu não soube bem como interpretar.

— Naquele dia eu tava bem animada, né? Parece que já faz séculos, mas foi há menos de um ano. Eu estava com medo da reação deles, e com ainda mais medo de ir pra um lugar tão longe. Vovó tinha falecido há pouco tempo e, ao mesmo tempo em que eu queria continuar ali com vocês, eu precisava de uma mudança, de encarar novos desafios, enfrentar alguns medos. Eu nunca tinha nem viajado de avião.

Sorri tristemente com a lembrança. Antes da partida, Hosana adorava ficar em nosso quarto, brincando de adedonha comigo ou abraçada com Julieta na cama, assistindo às inúmeras novelas que ela acompanhava. Hosana não gostava de novelas; dizia serem muito longas, e que filmes eram bem melhores nesse sentido. Apesar disso, ela sabia o quanto Julieta gostava e, por isso, fazia um esforço para apreciar também.

— Quando cheguei lá, essa animação toda foi acabando aos pouquinhos. Eu ficava o dia inteiro em casa, sem arranjar emprego, esperando Jorge voltar do trabalho e, talvez, termos um momento tranquilo à noite.

Continuei olhando fixamente para ela, apesar de ainda não estar entendendo nada.

— Bom... com essa rotina enfadonha, eu comecei a sentir muita falta de vocês, da vida que tinha aqui. Mesmo que eu pudesse ligar pra papai e mamãe todos os dias, isso nunca substituiria as conversas que tínhamos na cozinha antes de dormir, e muito menos as brincadeiras contigo e com Julieta.

Hosana suspirou.

— Eu estava me sentindo muito sozinha, como se ninguém pudesse me entender, muito menos me ajudar.

Meus olhos começaram a arder, então desviei o rosto e pisquei com força várias vezes.

Ouvi o barulho da cadeira se movendo, e logo senti a mão de Hosana tocando o meu ombro com carinho.

— Se você estiver se sentindo desse jeito, como se ninguém estivesse ligando para o que você sente, quero que saiba agora que isso não é verdade. Eu vou estar aqui sempre que você precisar, mesmo quando eu voltar pra São Paulo, vou continuar te apoiando e querendo te ver bem.

Olhei para a minha irmã. Se eu contasse sobre a ligação, será que Hosana entenderia? Será que não me acharia doida?

Eu normalmente apenas diria que “nada estava acontecendo”, “tudo estava bem”, “eu não queria falar sobre aquilo”, ou qualquer coisa que saísse da minha boca sem, necessariamente, ser a verdade. Mas eu queria tanto, tanto falar sobre a ligação com vovó. Ninguém mais entenderia, ou ninguém mais acreditaria em mim, e eu precisava que alguém acreditasse. Até mesmo para que eu percebesse que foi real, que não foi um sonho ou nada parecido.

Segurei a mão dela.

— Zana, eu...

Passos na escada. Pelo barulho, reconheci logo que era papai, mas algo estava diferente, um som novo.

Quando ele surgiu, mamãe apareceu logo atrás, seu rosto tímido e desconfiado, além do nariz vermelho. Ela segurava um paninho da mesma cor para limpar o rosto, seu cabelo estava preso para trás como sempre, e ela segurava o braço de papai como se precisasse disso para se manter de pé.

Soltei a mão de Hosana.

— Bom dia — papai disse como se fosse um robô programado para falar. — A gente vai ficar um pouco no jardim.

— Ok — minha irmã respondeu com um sorriso. Senti sua mão livre acariciar o meu ombro. — Bença pai, bença mãe.

Repeti a frase, mas mamãe só respondeu com um sussurro que não pude ouvir, apenas vi seus lábios se mexendo enquanto ela se virava para a porta.

Hosana voltou a olhar para mim, sua expressão agora curiosa.

— Você ia me dizer alguma coisa?

Balancei a cabeça. A tristeza tinha voltado, e eu não sentia mais a mesma empolgação para contar tudo pra ela. É óbvio que ela não acreditaria.

— Não, não foi nada.

Hosana me deu um beijo na bochecha, e eu retribui com um sorriso.

— Vou subir pra ver se Julieta quer comer alguma coisa.

Terminei de comer em silêncio, mas não me incomodei. Quando Hosana saiu, limpei rapidamente a lágrima que tinha descido, e respirei fundo para continuar fingindo quando ela

voltasse.

Levantei e fui lavar o prato e copo sujos, mas vi algo através do vidro da janela da sala que chamou a minha atenção. A visão, se é que era possível, me deixou ainda mais triste do que a conversa com Hosana.

Mamãe segurava o rosto com as duas mãos, sacudindo-se levemente, enquanto papai alisava suas costas. Ele apontava para o jardim, para a piscina, e tentava conduzi-la para lá, mas mamãe insistia em permanecer no mesmo lugar, tentando se soltar do toque dele.

Abri a janela bem devagarinho, com o dobro de cuidado já que seria bem capaz das dobradiças fazerem barulho, mas isso não aconteceu. Com a janela aberta, consegui ouvir mamãe dizendo:

— Eu não quero, eu não quero, me leva pro quarto...

A expressão de papai mostrava o quanto ele estava triste também, e me surpreendi com isso: desde que vovó morreu, a única coisa que eu identificava no rosto de papai era raiva e impaciência. Com mamãe, porém, ele respirou fundo e forçou um sorriso; mais uma estranheza.

— Ok, vamos pro quarto, mas antes você vai comer uma fruta.

Não me surpreendi com o pedido; desde que chegamos, mamãe quase não tinha comido as pequenas porções que Hosana levava para o quarto deles.

Eles refizeram o caminho de volta para casa, mas o jardim era tão perto da porta que precisei correr para não ser vista. Fingi que estava terminando de lavar os pratos, que eu realmente tinha esquecido de lavar ontem, e ouvi os dois passando. Olhei para trás e papai me viu, mas não falou nada. Eu não tinha certeza se queria que ele falasse.

Espiei para vê-los subindo, e notei que mamãe estava andando ainda mais devagar. Segundos depois, eles alcançaram o andar superior e eu ouvi a porta do quarto se fechando.

Não tive tempo de reagir antes que o mesmo barulho de porta voltasse, mas dessa vez era Hosana, que desceu as escadas quase pulando.

— Julieta me lembrou de algo que a gente faz todo ano e, se a gente não for hoje, não teremos mais como fazer, já que meu voo pra São Paulo é amanhã cedo.

Enxuguei a colher que faltava e me virei para ela, prestes a negar o passeio se Julieta também fosse.

— E a faxina? — perguntei. — Tô espirrando a cada cinco segundos.

Aquilo era verdade... em parte. Não era eu quem estava espirrando, mas Hosana não precisava saber disso.

O sorriso da minha irmã mais velha, triste e ao mesmo tempo esperançoso, tornou essa tarefa bem mais difícil.

— A faxina pode ficar pro final da tarde, afinal, somos três.

É... sem desculpas, então.

Olhei para Hosana e ergui uma sobrancelha.

Ela continuava sorrindo.

— Vamos andar de teleférico?



Capítulo 09

A VONTADE DE RECUSAR AINDA ERA MUITO GRANDE, MAS HOSANA praticamente implorou com aqueles olhinhos esbugalhados. Que raiva.

Depois da conversa que tivemos mais cedo, eu não queria deixar a única pessoa que me apoiava irritada, então dei de ombros.

— Vou trocar de roupa e já volto — respondi apenas, me arrastando escada acima. Encontrei Julieta, que já estava pronta pra sair, quando abri a porta do quarto. Sua expressão estava tão chocada quanto na noite anterior, mas quando percebi que ela queria falar algo, passei rápido por ela, peguei o blusão branco e cinza e saí do quarto para colocar a roupa no banheiro.

Saímos na manhã fria quinze minutos depois, Hosana com um cachecol no pescoço, Julieta com o cabelo preso e mal arrumado, agarrada à mão da outra. Aquilo eram olheiras no rosto dela? Parei de encará-la quando ela olhou para mim, então não pude ter certeza.

Julieta passou o caminho inteiro até chegarmos ao teleférico me encarando, vi pelo canto do olho. Às vezes, ela soltava a mão de Hosana e tentava chegar mais perto de mim, mas eu percebia a tempo e me afastava tão rápido como se estivesse com medo. Talvez eu realmente estivesse. Ela também parecia estar com medo

e, ao mesmo tempo, querer falar comigo, e aquilo me atingia como uma facada — minha própria irmã, minha gêmea, com medo de mim. Eu sequer podia me lembrar da última vez que eu tinha tratado-a como uma amiga... como uma irmã. O comportamento de Julieta me fazia sentir culpada por sentir raiva dela, e a culpa me provocava ainda mais raiva; só não sabia se o sentimento estava contra ela ou contra mim.

Mesmo que eu conseguisse mantê-la afastada fisicamente, Julieta era um pensamento constante, como se ela estivesse dentro da minha cabeça com um martelo, me forçando a lembrar de toda a nossa situação.

Eu via em seus olhos, em sua expressão, que ela sentia tanta falta de nossos momentos juntas quanto eu. Eu não queria admitir, mas talvez a verdade fosse mais simples do que eu imaginava. Em uma viagem normal, nós duas estaríamos de mãos dadas durante todo o passeio, implorando a nossos pais para que comprassem churros no centro da cidade, ou fingindo que o nosso celular ia cair direto na água quando estivéssemos tirando foto no teleférico.

Quando sentamos no banquinho e tivemos que escolher quem ficaria com quem, afinal apenas duas pessoas eram permitidas em cada cabine, meu coração apertou antes que eu dissesse:

— Vão vocês duas, eu pego outro.

Hosana estava prestes a reclamar, mas eu não lhe dei tempo de decidir. Fui direto para o rapaz que vendia os ingressos e disse que eu pegaria a primeira cabine, até porque Hosana não deixaria que eu ficasse fora de sua vista. Ela até poderia protestar, mas o clima já não era dos melhores, então permitiu que eu subisse antes delas.

O passeio era lindo. Quando entramos na cabine, o motor começou a funcionar e fomos conduzidas por um fiozinho que

descia um pouco antes de subir num arco para um ponto bem alto da cidade. Nessa curta descida, passamos por cima de uma lagoa, no centro de Triunfo. Eu já tinha perdido as contas de quantas fotos tiramos naquele mesmo lugar em viagens passadas, e muitas mais quando fazíamos essa subida: dava um certo medo, mas era muito legal. Antes, pelo menos. Agora, eu só conseguia olhar ao redor e sentir o frio cada vez mais forte, enquanto desejava que a subida terminasse logo.

Ao chegar lá em cima, esperei a cabine de Hosana e Julieta chegarem. As duas estavam de mãos dadas, e Julieta parecia um pouco mais alegre. Só um pouco.

Fomos ver a imagem do Cristo Redentor ali perto, bem parecida com a do Rio, mas menorzinha. Ali não tinha grades, por isso Hosana logo alertou:

— Vocês duas, não fiquem tão perto da borda.

Obedecemos logo, principalmente eu, que senti medo só de olhar aquele barranco enorme.

— Só achei uma coisa estranha — comentou Julieta. — Tu sempre tapava o olho antes, Ró, e hoje não fez isso. Ficou mais corajosa?

Virei para Hosana, curiosa para saber a resposta também.

Minha irmã deu de ombros.

— Dessa vez, eu sou responsável por vocês duas. Mesmo com medo, prefiro enfrentar do que só tapar os olhos e fingir que nada está acontecendo.

Levantei a sobrancelha. Talvez ela não estivesse falando apenas sobre o teleférico, mas preferi não dizer nada.

Nós três nos viramos em direção à enorme vista da cidade.

Tudo era tão lindo, tão verde, tão frio. Cada partezinha dali era conhecida: cada rua, beco, esconderijo. Julieta e eu brincávamos de esconde-esconde com qualquer criança da rua, principalmente nas vésperas de São João, como hoje, quando íamos para a praça da cidade e encontrávamos gente de todo lugar. O show da véspera era sagrado, e eu me lembrava com tristeza de mamãe e papai dançando forró com sorrisos no rosto. Esse ano, eu duvidava que eles sequer saíssem do quarto.

— Esse era o meu lugar preferido — disse Julieta.

Não me virei para ela, mas percebi pelo canto do olho que Hosana o fez.

— Era? E qual é agora?

Virei o rosto bem pouquinho na direção de Julieta, apenas para captar melhor sua reação, mas ainda olhando para a paisagem.

— Nenhum — continuou ela. — Eu só... gostava de como as coisas eram antes.

A afirmação me atingiu como um soco direto no rosto.

Hosana e eu não dissemos nada. Eu não sabia o motivo dela ter ficado calada, mas dentro de mim, uma sensação horrível tomou conta do meu corpo inteiro, me impedindo até mesmo de pensar. Minhas mãos começaram a tremer, os olhos ardendo e piscando com cada vez mais força.

Pelo canto do olho, vi minha irmã acariciando o braço de Julieta.

— Estão gostando do passeio? — perguntou Hosana.

Notei que ela olhava para mim. Ainda sem conseguir virar o rosto completamente, respondi com a mesma voz mecânica do meu

pai:

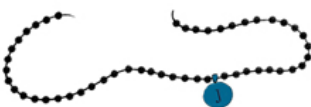
— Acho que sim.

Hosana suspirou. Ela conseguia identificar logo quando eu estava dizendo algo só pra agradar.

— Vamos tomar um sorvete antes de voltar pra casa?

Julieta e eu recusamos ao mesmo tempo. Estava frio demais, e eu queria logo deitar na minha cama.

Na volta, decidimos retornar por um atalho, uma enorme escadaria que levava de volta ao centro (o teleférico tinha aumentado de preço, então só pagamos o ingresso para subir). Durante a caminhada até a escadaria e a longa descida, as palavras de Julieta não saíam da minha mente — assim como ela também não saía.



Capítulo 10

A NOITE DA VÉSPERA DE SÃO JOÃO FINALMENTE CHEGOU, E EU NÃO poderia estar mais desanimada.

Perto do anoitecer, depois de voltarmos, Hosana e Julieta tinham começado a decorar a casa inteira, e agora ela estava muito mais bonita: vários balõezinhos de plástico enfeitavam a escada e a entrada da casa, além de fitinhas coloridas que iam de um canto a outro das paredes. Uma música de forró tocava baixinho no celular de Hosana, e um cheiro delicioso de comidas de milho flutuava da cozinha até a área da piscina, onde eu estava. Eu tinha ajudado a fazer a comida enquanto as duas tinham arrumado o lugar, varrendo a casa e tirando a poeira das janelas e dos móveis com um espanador velho. Papai, com cara de sono, apareceu perto das 17h para pegar um lanche, e quanto a mamãe, eu nem a tinha visto o dia inteiro.

Em certo momento, quando eu estava na cozinha, Hosana apareceu e perguntou se eu estava bem. Senti vontade, novamente, de falar com ela sobre a ligação com vovó, mas dessa vez a vontade passou bem mais rápido. Ela poderia até acreditar em mim, mas também havia a enorme chance de que apenas ficasse com pena e dissesse que a saudade de vovó estava me fazendo imaginar coisas. No fim das contas, talvez fosse melhor que eu ficasse de bico fechado, remoendo aquela dor sozinha.

Meia hora depois que tudo ficou pronto, perto das 18h30, eu estava com um pratinho no colo, com os pés na piscina e um chapéu de palha na cabeça. Hosana e Julieta dançavam forró na sala de estar, mas pude ver pela janela que minha irmã mais velha era quem mais insistia em se animar, enquanto Julieta vez ou outra se jogava no sofá com uma cara abatida. Quando olhava para mim, sua expressão ficava ainda pior, e eu logo virava o rosto para outro lugar.

Se aquilo tivesse acontecido há um ano, eu teria elogiado as duas trancinhas que ela fez no cabelo. Julieta gostava de se arrumar e se maquiar muito mais do que eu, e aquele era, provavelmente, o fator que mais nos diferenciava. Naquele momento, por exemplo, a única parte da minha roupa que indicava o dia de São João era a camisa xadrez laranja e preta, enquanto Julieta tinha desenhado pontinhos pretos nas bochechas, calçado uma bota marrom e colocado um vestido de chita com estampa de flores vermelhas. Ela estava fofa. Em outras épocas, eu teria mais facilidade em elogiá-la.

No bolso da frente da minha calça jeans, estava o celular quebrado. Tirei-o dali e fiquei remexendo entre meus dedos. Eu não conseguia me separar dele, mesmo que não tivesse serventia nenhuma; não era como se vovó fosse me ligar, ou que eu conseguisse ligar para ela, mas... era difícil desapegar. Se eu o jogasse fora, seria como admitir que não haveria mais jeito. E, mesmo que fosse apenas uma ilusão, eu precisava acreditar que vovó me atenderia novamente, e tudo ficaria bem.

Por mais alguns minutos, eu queria viver aquilo. Então continuei na borda da piscina, passando o celular quebrado de uma mão para outra, desejando que algo acontecesse – não sabia o que, mas ainda assim, desejava.

O show aparentemente já era um caso perdido, pois nem papai nem mamãe disseram nada sobre sairmos. Hosana também

não tinha decidido se gostaria de sair ou não; seu voo para São Paulo seria às 6h da manhã, então ela precisaria acordar bem mais cedo do que estava acostumada.

Perto das 21h, voltei para a sala e perguntei sobre o show. Hosana, Julieta e eu concordamos que não valia o esforço de sair, então comi um milho, peguei uma canjica e voltei para a minha vigília na borda da piscina.

Por volta da meia-noite, ouvi passos atrás de mim, e precisei piscar para ter certeza de que estava enxergando direito.

Era mamãe. Virei-me para ela, e meus olhos se esbugalharam. Era uma surpresa que ela sequer tivesse descido, mas eu não comentaria isso — não iria querer que ela se assustasse e voltasse a se esconder no quarto. Olhei para a entrada de casa, e vi que Hosana e Julieta nos espiavam pela janela, apenas os olhos e o topo de suas cabeças estavam visíveis.

— Oi, mamãe — falei, incerta, tentando focar apenas nela. Forcei um sorriso. — Quer sentar?

Percebi que ela tentou sorrir também, o canto de sua boca tremeu um pouco, mas não conseguiu. Apenas se sentou ao meu lado, seu corpo bem mais magro foi mais um motivo de espanto.

Suspirei. Ao vê-la ali, parada alisando os próprios braços ao vento frio da noite, nem parei para pensar. Cheguei mais perto e tentei lhe dar um abraço, mas percebi que ela ficou rígida.

Tentei soltá-la rapidamente, mas para minha surpresa, mamãe segurou meu braço com o pouco de força que tinha.

— Tá tudo bem com você, meu amor? — perguntou mamãe. Sua voz estava rouca, e percebi que ela estava chorando.

A imagem era até engraçada: ela, com os olhos vermelhos e inchados, preocupada se *eu* estava bem.

Quando soltei-a, funguei e pisquei com força. A última coisa que eu queria agora era chorar.

Forcei outro sorriso.

— Acho que sim. A senhora vai ficar aqui embaixo com a gente?

A pergunta era mais uma esperança do que qualquer outra coisa, porque eu já sabia a resposta.

Mamãe balançou a cabeça, como esperado, mas ainda assim, o gesto me magoou.

— Elas parecem felizes, né? — perguntou ela baixinho.

Mamãe estava olhando para a sala. Me perguntei qual teria sido a reação das minhas irmãs ao vê-la saindo do quarto e vindo falar comigo, mas agora que mamãe olhava para a casa, percebi que as duas tinham voltado a dançar — ou, pelo menos, estavam fingindo que dançavam.

Meu estômago embrulhou. Será que ela não tinha percebido nada do que aconteceu na noite anterior? Mesmo com toda a gritaria que fizemos? Eu sabia que os remédios dela eram fortes, mas ainda assim... o olhar de mamãe não indicava nada.

Eu odiava mentir para mamãe, mas dizer o contrário apenas seria pior.

— É, parecem — respondi. Minha garganta estava seca, como se uma bola de algodão estivesse presa ali.

Mamãe voltou a olhar para mim.

— Vocês três estão bem? Estão se divertindo?

Tive que reunir toda a minha força de vontade para fingir mais um pouco. Ela realmente não fazia ideia do que tinha acontecido.

— Sim. Estamos nos divertindo muito.

Meu coração doeu tanto que até me senti tonta.

Pisquei várias vezes para evitar continuar chorando.

— Vou só ficar mais um pouco perto da piscina — respondi. — e já volto lá pra dentro.

Mamãe, dessa vez, conseguiu exhibir a sombra de um sorriso.

— Não deixe de se divertir por causa de mim — disse apenas, antes de se levantar e voltar para o quarto com seus passinhos de tartaruga.

Assenti e voltei a sentar onde estava. Não tive pressa alguma, afinal... não havia nenhum lugar que eu quisesse ir.



Capítulo 11

O FORRÓ ANIMADO NA SALA DE ESTAR DUROU POR VÁRIAS HORAS, enquanto meu próprio coração batia num ritmo mais lento.

Com o celular ainda em minhas mãos, continuei perto da piscina, olhando para o jardim, pelo que pareceram dias. Hosana apareceu várias vezes para me oferecer mais canjica e bolo de macaxeira, mas Julieta pareceu ter desistido de tentar falar comigo. Eu não sabia se isso era algo bom ou ruim.

Era perto das 3 da manhã quando ouvi passos e notei que era Hosana se aproximando novamente, seu rosto rosado e suado de tanto dançar.

— Lú, você não está cansada de ficar aqui esse tempo todo?
— perguntou ela, os olhos arregalados.

Dei de ombros.

— Não senti o tempo passar.

Hosana sentou-se ao meu lado, mas quase se desequilibrou, e teria caído na piscina se eu não tivesse segurado seu braço.

O nível de embriaguez ficou ainda mais evidente quando ela se virou para mim para falar.

— Papai disse que mamãe pegou no sono; até me espantei quando ela saiu do quarto e veio até aqui.

Confirmei com a cabeça.

— Ela comeu? — perguntei.

— Só uma banana.

Suspirei, em parte aliviada, em parte ainda triste.

— Julieta já subiu para dormir também — continuou minha irmã, me encarando. Ela realmente devia estar muito bêbada, pelo jeito que seus olhos ficaram desfocados e sua língua meio enrolada enquanto falava.

Balancei a cabeça de novo.

— Hunrum.

Hosana continuou me encarando.

— Ela parou de dançar pouco antes da meia noite. Ficou mexendo no celular por horas, escrevendo alguma coisa, mas não quis me dizer o que era.

Me segurei para não ser grossa, o que foi bem difícil.

Não precisei responder, porque Hosana logo continuou:

— Lúcia, eu já sei de tudo.

Pisquei os olhos várias vezes. Minhas mãos começaram a tremer.

— Como assim?

Apesar da bebida, ela me encarava sem piscar.

— Sobre o que você pensa de Julieta. Tentei esperar que você

se abrisse comigo, mas acho que isso não vai acontecer.

Foi a minha vez de encarar de volta.

— Tu não sabe de nada.

A frase devia ter saído mais grossa do que eu pretendia, porque Hosana ficou ainda mais séria.

— Eu vi o jeito que você reagiu quando vovó morreu, como ficou furiosa com Julieta. Mas, eu pensei que de lá pra cá, você tivesse percebido que...

— O que? — rosnei. — Que Julieta não fez nada de errado? Tu não sabe de tudo que aconteceu, sabe? Tu nunca *me* perguntou nada, e ainda por cima passou meses sem visitar a gente. Como é que poderia saber de alguma coisa?

— Bom, eu não estava com vocês, mas papai me disse tudo.

Franzi a testa, mais confusa do que nunca.

Hosana continuou.

— Lúcia, eu entendo você sentir raiva de Julieta, somos irmãs e brigas acontecem... mas isso tudo já está passando do limite... você está exagerando.

O final da frase me atingiu como um tapa na cara.

— *Exagerando?* É por causa de Julieta que vovó não tá mais aqui, e todos vocês fingem que isso não é verdade!

Hosana pareceu realmente espantada, mas isso não impediu minhas palavras de continuarem jorrando.

— Tu foi a primeira que ficou do lado dela naquele dia — minha voz aumentou, e percebi que me afastei aos poucos. — Eu deveria ter imaginado que ainda ‘taria do lado dela até hoje. Tu não

sabe que ela prometeu cuidar de vovó e que, por culpa dela, tudo isso aconteceu. Ou achou que eu só tava com raiva por algum motivo idiota?

Hosana me encarava como se nunca esperasse ouvir aquilo; eu nem mesmo costumava falar coisas do tipo “idiota” dentro de casa.

— Do lado dela... como assim, Lúcia? E *que promessa é essa?* — ela conseguiu gaguejar, apesar do choque.

Meus olhos ardiam mais e mais, e seria impossível me conter por muito tempo. contei tudo para Hosana, desde a conversa de papai e mamãe que entreouvi, até o combinado que fiz com Julieta.

— Ela resolveu sair pra competição idiota de natação e deixou vovó morrer sozinha! Se ela estivesse lá, como combinado, vovó ainda ‘taria viva!

Eu sabia que estava falando mais alto, mas não consegui parar. O som do rádio era só um ruído de fundo, e eu não sabia se meus pais ou Julieta ouviram o que eu disse, mas também não me importei.

Minha irmã precisou de longos segundos para responder, e eu precisei do mesmo tempo para conter as lágrimas que saíram sem parar. Era como se meu corpo quisesse partir no meio, e eu odiava aquela sensação; a última vez que me senti daquele jeito, foi no dia em que voltei para casa e percebi que vovó não estava mais lá.

— Lúcia... — começou. — Eu não imaginava que você se sentia assim.

Olhei para ela como se tivesse enlouquecido.

— E o que tu pensava, então?

Hosana bufou.

— Para começar, eu imaginei que você já sabia que vovó... morreu na hora, Lúcia. Ninguém poderia ter ajudado ela. Mesmo que Julieta estivesse em casa, não haveria nada a ser feito. Você sabe disso, não sabe?

Balancei a cabeça com força. Aquilo não fazia nenhum sentido, e eu não acreditaria naquela baboseira.

— Claro que poderia ter ajudado — insisti. — Julieta poderia ter ligado pra alguém, pra ambulância...

— E o que mais? — foi a vez de Hosana insistir. — Nenhuma de vocês duas poderia ter feito nada além de aguardar por socorro, e o máximo que Julieta poderia ter feito seria ligar para nossos pais, e isso também não teria feito diferença.

Arregalei os olhos.

— Como tu sabe que não teria feito diferença? Ela ainda poderia ter sido socorrida, ido prum hospital!

Desviei o rosto de Hosana, de volta para a piscina. Para o jardim ali perto, e as flores roxas.

— Lúcia... ninguém te contou isso, mas acho que foi um erro.

Voltei o rosto para ela, devagar, como se o mundo estivesse em câmera lenta.

— Isso o que?

Hosana respirou fundo e, surpreendentemente, seus olhos também se encheram de água.

— Papai e mamãe não falaram nada porque não queriam mais trazer esse assunto à tona, mas... o infarto que a vovó teve... não aconteceu naquele dia. Aconteceu um dia antes, mas ela não percebeu.

Meu rosto dava a impressão de estar congelado. O mundo ao meu redor parecia desabar em silêncio, e tudo que eu ouvia eram as palavras de Hosana.

— A gente não contou nem para você nem para Julieta, para não ficar tocando nesse assunto, mas... Vovó provavelmente começou a sentir os efeitos colaterais no dia anterior. Como sempre, ela devia ter pensado que não era nada demais, que não precisava de ajuda. Mas, no dia seguinte, quando ela sentiu a dor fatal, não havia mais nada que pudesse ser feito. Mesmo se ela estivesse no hospital, as chances de sobreviver... eram mínimas. Pelo histórico de outros ataques cardíacos que teve antes, salvá-la seria praticamente impossível.

Minha respiração. Meu coração batendo acelerado. A voz de Hosana, vinda de muito longe, como se ela estivesse do outro lado de um túnel. Tudo estava abafado, sem cor, sem foco.

— Isso não pode ser verdade — sussurrei de volta.

Mas eu sabia que era. Na tarde da quarta-feira, a melhor tarde em que passamos juntas, vovó tinha pedido que eu varresse a casa porque ela estava se sentindo cansada. Eu pensei que era algo normal, afinal ela já tinha lavado os pratos e feito várias outras coisas, assim como todos os dias, mas... não era. Ela já estava tendo os sintomas de infarto. E eu não tinha percebido.

Minha irmã suspirou.

— A culpa... não é de Julieta? — as palavras soaram estranhas em minha boca.

A voz de Hosana ficou mais baixa.

— Não — respondeu.

Assenti. Olhei para baixo, para minhas mãos dormentes.

Quando eu não pensava que poderia chorar mais, a lembrança de dois dias atrás me fez quase engasgar.

— Eu desejei que ela tivesse morrido também.

Tinha começado a chover, mas nem mesmo a água fria arrepiando a minha pele me fazia deixar de sentir a queimação dentro do meu peito. Pude ouvir cada gota perturbando a superfície da piscina, o frio me envolvendo, o vento gelado deixando tudo ainda pior. A sensação de que tudo estava fora do lugar, que nada mais seria o mesmo, que não haveria mais volta. Julieta nunca me perdoaria, e vovó nunca voltaria. Era impossível que aquilo tivesse acontecido, que vovó tivesse ido embora de um jeito tão... simples. Que ninguém poderia tê-la ajudado, mesmo se tentássemos. Era impossível acreditar.

Qual era o sentido? Era isso que vovó queria me dizer na ligação? Que eu deveria perdoar Julieta?

— Lúcia... — Hosana voltou a se aproximar de mim, um pouco mais calma.

Eu me afastei de súbito.

— Preciso falar com ela. Agora.

Não esperei que Hosana respondesse. Corri para a sala de estar, passei pela cozinha e pulei as escadas, três degraus de cada vez, pela primeira vez não me importando se o barulho acordaria mamãe. Eu não conseguia pensar em mais nada, ver mais nada.

Eu estava pronta para abrir a porta do quarto com força, quando vi que ela já estava aberta. As camas estavam desocupadas, e Julieta não estava ali.

Será que ela teria ouvido a nossa conversa? Me ouvido desabafar sobre tudo...

Virei-me de volta para a porta, pensando se ela estaria no banheiro, quando Hosana apareceu atrás de mim. Ela estava respirando fundo, como se tivesse subido a pequena escada com esforço, mas o que me espantou não foi isso.

Hosana estava chorando quase tanto quanto eu, e seu olhar de desespero parecia exatamente igual ao que eu exibia na noite em que vovó tinha morrido.

Minha irmã me mostrou a tela do seu celular, que exibia uma conversa no whatsapp. O chat era de Julieta, com uma mensagem enviada por ela há menos de cinco minutos.

Oi, Ró. Essa mensagem deve demorar muito pra chegar, já que o sinal daqui é péssimo, mas tudo bem. Quando tu ler, já devo estar bem longe.

Meu coração parou.

Não consegui ler o resto do longo texto, porque meus olhos passaram tão rápido pela mensagem inteira que tudo pareceu um borrão. Ao final do texto, porém, a última frase me fez encarar a tela por tanto tempo que minha vista doeu.

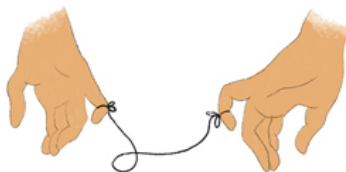
Não vou mais ser um incômodo nessa família. Nem pra papai e mamãe, e muito menos pra Lúcia. Acho que tu vai sentir minha falta, mas tudo bem também. Tu é forte, e sei que não vai ficar com raiva de mim.

Espero que Lúcia fique feliz agora.

O celular de Hosana só não caiu da minha mão porque ela mesma o puxou de volta, apertando um botão e logo em seguida colocando o aparelho próximo ao ouvido. Ligando para Julieta.

Não esperei que Hosana tomasse uma atitude. Desci as escadas, e vi que a porta dos fundos estava escancarada.

Eram 4 da manhã, e Julieta tinha ido embora. Eu não sabia como faria isso... mas precisava encontrá-la.



Capítulo 12

O BRILHO DO SOL DEMORARIA A APARECER, JÁ QUE ESTÁVAMOS NO inverno. A cidade inteira estaria cheia, por causa da noite de São João. E eu estava correndo rápido demais... só não sabia para onde.

Antes de sair de casa, fui até a minha caixinha de joias que estava em nosso quarto e, sem precisar procurar muito, encontrei o que eu queria. Enfiei tudo no bolso da blusa, fechei com o flash que tinha ali, e desci correndo as escadas. Lá em cima, Hosana batia na porta do quarto de papai e mamãe, mas não esperei que eles acordassem. Corri pela porta dos fundos, sem conseguir nem mesmo pensar.

Depois de cinco minutos correndo, cheguei ao centro e me surpreendi com os shows que ainda rolavam. Não parei para identificar quem cantava; em outras ocasiões, eu teria ficado de olhos arregalados admirando a estrutura enorme do palco, as luzes coloridas pra lá e pra cá, mas agora eu só conseguia continuar correndo, sem me importar com o quanto meu peito já doía em busca de fôlego.

O som estava alto e as pessoas, lentas por terem bebido demais, atrapalhavam a minha corrida. E o que era ainda pior: tive que engolir toda a minha vergonha e medo de falar com estranhos

para perguntar por ela, porque não havia mais tempo a perder.

— Vocês viram uma menina... bom, igual a mim, só que com vestido vermelho? — perguntei a um grupo de amigos, que balançaram a cabeça negativamente, rindo à toa como se não percebessem o meu desespero.

Virei as costas e continuei procurando, queria ter uma visão de 360 graus e cinco bocas para perguntar a todo mundo que passasse por mim.

— Sim, ela é minha irmã *gêmea*! — enfatizei para um casal, que pareciam um pouco mais preocupados. — Com trancinhas no cabelo e pontinhos pretos nas bochechas desenhados com caneta!

Eles se encararam e me responderam, tristemente, que todas as “meninhas” estavam vestidas desse jeito, e que não se lembrariam dela se a tivessem visto.

Sete outras pessoas balançaram a cabeça do mesmo jeito, algumas com pena, outras sem nem se importar, e outras me perguntando o motivo de eu estar ali sozinha. Ignorei esses últimos, correndo pelo centro, sem saber para onde ir. Eu nem mesmo sabia o que faria se a encontrasse, mas meu peito batia tão forte que eu não conseguia ouvir o barulho dos meus pensamentos.

Eu estava perto da lagoa por onde o teleférico passava por cima, as luzes se refletindo no brilho da água e...

O teleférico!

Julieta tinha dito que esse era o seu lugar preferido na cidade — ou, pelo menos, que costumava ser. Era a única ideia que eu tinha, então por que não tentar? O desespero me fazia olhar ao redor, e para todos os lados eu só via rostos animados e pessoas dançando. Nenhum sinal dos cachinhos castanhos da minha irmã gêmea, da expressão triste que ela provavelmente faria se me visse.

A fila para comprar ingressos para o teleférico estava gigantesca. Saí dando cotoveladas em todo mundo, sem me importar com os olhares feios — se eu tivesse mais tempo, teria dado língua de volta.

— Ei, vai pro final da fila! — alguém gritou. — Cadê os pais dessa garota?

Tive vontade de fazer algo que os meninos da minha escola sempre faziam quando queriam ser rebeldes, mas mostrar o dedo do meio para desconhecidos não me ajudaria a encontrar Julieta mais rápido.

Consegui alcançar o rapaz que vendia os ingressos, um jovem que poderia ter uns 25 anos, mas exibia uma cara de cansaço que o deixava bem mais velho.

— Moço, tu viu uma menina igual a mim, com trança no cabelo, vestido de chita, provavelmente chorando?

O rapaz me olhou dos pés à cabeça, como se eu estivesse lhe pregando uma peça. Ele mascava chiclete, o barulho que fazia me deixou ainda mais agoniada.

— Não, não vi. Vai comprar ingresso ou não?

Bati os pés no chão, como se aquilo pudesse eliminar toda a frustração que sentia. Não adiantou de nada, além de deixar as outras pessoas na fila ainda mais impacientes.

— Tu pode me dar um ingresso de graça? Eu só preciso...

— Olha — a voz dele era arrastada. —, vá chamar os seus pais, você não deveria estar aqui sozinha.

— Moço, *por favor*...

Minha frase ficou suspensa no ar quando olhei para o lado.

Pouco depois da lagoa, havia o atalho que tínhamos descido há poucas horas, uma longa escadaria que dava para o ponto mais alto da cidade. Pouca gente andava por ali, já que o teleférico era um passeio bem mais atrativo, mas pessoas como Hosana, Julieta e eu, que por vezes não tinham dinheiro para os ingressos, resolviam pegar essa rota.

E foi bem ali, no meio da escadaria, que vi Julieta, seus cabelos trançados e o vestido de chita balançando. Ela corria tanto quanto eu tinha corrido... e subia exatamente para aquele ponto mais alto.



Capítulo 13

NÃO TIVE TEMPO DE PENSAR. O RAPAZ MANDOU QUE EU FOSSE PARA o final da fila, as outras pessoas pediram que eu parasse de interromper, mas eu já tinha dado um pulo e voltado a descer para perto da lagoa.

Chegar até a escada não era difícil; o problema era subir aquilo tudo. Caminhando por ali, normalmente demorávamos quase cinco minutos inteiros para subir; correndo, talvez eu pudesse diminuir o tempo pela metade. Quando eu estava na base da escadaria, imaginei que Julieta já estaria perto do topo. Senti minhas mãos tremerem, mas me forcei a continuar respirando profundamente enquanto pulava três degraus de cada vez.

Mal tinha começado a subir, mas eu já estava tão suada por toda a correria que parecia ter tomado um banho. Minhas pernas doíam e eu tentei ignorar, mas rapidamente o ritmo dos meus passos ficou mais lento, e eu só conseguia pular os degraus de dois em dois.

Na metade da subida, o barulho do forró e os sons de milhares de pessoas conversando e cantando ao mesmo tempo se distanciou, o vento era o único ruído em meus ouvidos, tão gelado que comecei a coçar o nariz. Eu não tinha pensado em trazer o casaco antes de sair de casa e agora, com o suor grudando na pele,

o frio se tornava cada vez mais insuportável.

Num momento de distração, meu pé errou a ponta do degrau e eu caí de cara no chão, machucando o nariz que já estava agoniado. Gritei alto, xingando, e graças a Deus mamãe não estava ali para ouvir. Limpei as mãos sujas de terra na barra da camisa e parei por um minuto, um longo minuto, antes que eu desmaiasse ali mesmo.

Se já estava difícil se manter subindo antes, o tornozelo latejando não ajudou. Permaneci caída sobre os degraus da escada, melada pela lama e molhada pela chuva; meus pulmões imploravam por ar, meus pensamentos frenéticos não me abandonaram durante um segundo sequer. Eu não conseguia parar de pensar na ligação, na voz de vovó, no celular e no colar de Julieta se quebrando. *Flashes* dos meses que se passaram voltavam à minha mente, lembranças do quanto eu afastei Julieta e a tratei de um jeito que nunca tinha tratado ninguém. E tudo isso por eu não ter percebido que o cansaço de vovó já era um sinal do infarto, um sinal de que ela não estava bem... Ela nem mesmo pediu a minha ajuda.

Cada pensamento era um caco de vidro enfiado em meu peito, me impedindo de respirar. O barulho das pedrinhas do colar de Julieta batendo no chão na noite anterior se repetia na minha cabeça, de novo e de novo, o olhar aterrorizado dela quando falei que ela deveria ter morrido junto.

Era isso que Julieta estaria pensando agora. Que eu a desejava morta, que o meu mundo ficaria melhor sem ela.

Eu nunca me perdoaria se, além de vovó, minha irmã também partisse mais cedo do que deveria.

Com um respirar fundo, me esforcei para levantar e voltar a subir os degraus. Tudo doía, especialmente o pé, mas eu precisava continuar, sempre para cima, meu coração se esforçando para não

errar as batidas assim como eu me esforçava para não tropeçar de novo. Eu não podia perder mais tempo.

Aos poucos, me aproximei do topo da escadaria, *finalmente!* Consegui ver os telhados das casas lá de cima, que iam se tornando cada vez maiores conforme os degraus sumiram e deram lugar ao chão de paralelepípedos. Mas que droga, meu tornozelo doeria ainda mais correndo por aqui. Dito e feito, o latejar se tornou ainda pior, e eu já estava a ponto de implorar que tudo aquilo acabasse logo.

O solo cheio de pedras me fez diminuir a velocidade, mas meus pulmões ainda pareciam ter sido arranhados naquele mesmo chão que eu pisava. Dei a volta para o outro lado do topo do mirante, onde ficava a imagem do Cristo, e ali estava bem mais escuro do que eu imaginava. Fui obrigada a prosseguir com mais atenção, para não tropeçar de novo, e talvez isso fosse apenas uma desculpa para que eu não chegasse lá tão depressa. Se Julieta não estivesse mais ali...

Não vou ser mais um incômodo nessa família. Nem pra papai e mamãe, e muito menos pra Lúcia.

Eu não queria me lembrar dessas palavras, mas elas continuavam em minha mente como se alguém estivesse prendendo-as ali com um martelo.

Pude ver o Cristo ao longe, de costas para mim. Na frente da enorme imagem, havia o espaço que visitamos hoje de manhã, bem iluminado por várias luzes brancas que mais pareciam holofotes e, um pouco mais adiante, o barranco.

Haviam algumas pessoas ali àquela hora, mas poucas. contei cinco, esfregando os olhos para afastar a chuva. No meio delas, Julieta caminhava devagar, o que era natural, já que eu a vi correndo ao longo da escada. Ainda era fácil reconhecer a cor da

sua roupa, as flores vermelhas contra a escuridão. Quando ela chegou mais perto do barranco, as pessoas a encararam e olharam ao redor, como se se perguntassem o motivo de uma criança estar ali sozinha.

Congelei no lugar. Julieta estava de costas para mim, a quase meio quilômetro de distância — eu não sabia contar distâncias tão bem, mas sabia que era longe. Não pude ver seu rosto, mas notei que ela olhou na direção daquelas pessoas. Tive vontade de gritar que eles prestassem atenção nela, que não a deixassem andar por ali, mas mesmo que eles me ouvissem, não conseguiriam me entender por causa do barulho do vento e da chuva, que diminuía, mas ainda estava forte.

Continuei a correr, meu tornozelo gritando de dor, e ultrapassei aquelas pessoas, que tinham perdido completamente o interesse em minha irmã e voltavam para o teleférico, animadas e rindo. Eu me perguntei a última vez que tinha rido assim, de um jeito tão despreocupado.

Só consegui alcançar Julieta porque ela parou na beira do precipício, sua cabeça inclinada para baixo, congelada na mesma posição durante quase dois minutos. Éramos as únicas ali agora, mas ela ainda estava distante. Meu sapato começou a fazer barulho enquanto eu corria, e isso chamou sua atenção, mas eu ainda estava na parte que a luz não batia.

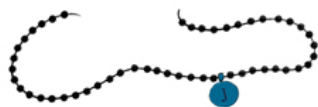
Julieta olhou para trás, mas com um dos holofotes batendo direto em seu rosto, ela fez uma careta e desviou o olhar.

Meu peito ainda doía; enquanto tentava reunir fôlego para chamar seu nome, Julieta se virou novamente e inclinou o tronco para o barranco.

Meu coração acelerou. Agora ou nunca.

Gritei o nome de Julieta e adentrei o espaço iluminado antes

que ela tivesse tempo de fazer qualquer outra coisa.



Capítulo 14

JULIETA SE VIROU PARA MIM.

A luz dos holofotes me permitiu ver lágrimas em seus olhos, tão nítidas quanto se eu tivesse ligado um flash direto no rosto dela.

— Sai da borda — foi o que consegui dizer. Em outras situações, eu provavelmente teria pensado em algo menos desesperado, mas agora não era o momento.

Minha irmã piscou os olhos várias vezes.

— O que tu tá fazendo aqui? — Perguntou ela, a testa franzida. Ergueu a mão direita, como se quisesse me impedir de se aproximar, e percebi que a mão dela tremia.

Estávamos há tanto tempo sem conversar, sem *conviver*, que eu tinha me esquecido de que éramos parecidas nisso, mesmo que fôssemos diferentes em todo o resto.

Eu não sabia o que responder. Como seria possível dizer a ela tudo que eu tinha sentido enquanto conversava com Hosana, a culpa de ter tratado Julieta daquele jeito durante meses?

A dor no peito ficou ainda pior, tanto pela corrida quanto por estar olhando para ela agora.

— Se Hosana te mostrou a mensagem que enviei, — disse ela, tocando o próprio bolso. O celular devia estar ali. — então já sabe por que eu tô aqui. Tu mesma disse que era melhor eu ter morrido junto, não foi? Então pronto. Volta pra casa, e pode comemorar o São João com eles.

Julieta voltou a se virar. Minha mente trabalhava na velocidade da luz, tentando pensar numa maneira de chamar a atenção dela.

— Eu não quero comemorar o São João sem tu...

— Mentira! — Julieta gritou, voltando a me encarar. Eu nunca a tinha visto daquele jeito antes: seu peito subindo e descendo rápido, seus olhos semicerrados, vermelhos e cheios de raiva.

Assim como eu estava ontem.

— Passei esses dois dias inteiros tentando falar contigo, tentando fazer qualquer coisa que tu quisesse, e o que foi que eu recebi? — ela berrou, sua voz desafinou no final da frase. — O que foi que mudou de duas horas atrás até agora? Tu percebeu que vai ficar sem um saco de pancadas pra xingar quando tiver vontade?

Arregalei os olhos, nenhuma palavra conseguiu sair da minha boca. Meu tornozelo ainda latejava, mas a dor parecia distante. Apenas as palavras de Julieta ecoavam em minha mente, enquanto eu tentava evitar que ela se virasse para o barranco.

— Tu não é a única que sofreu com a morte de vovó, e mesmo que eu me odeie por ter saído naquele dia, não justifica tu ter me tratado como se fosse tua inimiga! Eu teria morrido no lugar dela, se pudesse. E já que não deu pra fazer isso naquele dia, agora é o momento perfeito, né? Vovó não vai voltar, infelizmente, mas eu não vou ficar vivendo assim.

Ela se virou novamente para o precipício, e foi a determinação em seu rosto que me fez agir.

— Toma — gritei, enquanto colocava a mão no bolso do casaco. Tirei dali o que eu tinha procurado na minha caixinha de joias, algo que estava guardado desde a noite anterior, quando arranquei-o do pescoço de Julieta.

O colar de bijuterias que vovó tinha nos dado. O fiozinho ainda estava ali, partido, e as bolinhas soltas se encontravam agora na palma da minha mão.

— O que mais tu quer...? — ela começou a perguntar, mas eu me adiantei e cheguei mais perto, fazendo com que a luz alcançasse as minhas mãos.

Julieta respirou tão fundo que parecia ter perdido o ar completamente.

— Pensei que tu tivesse jogado isso fora — sussurrou, e mais lágrimas desceram.

Ela se aproximou, hesitante. Um único passo mais longe do barranco, mas meu coração se aliviou do mesmo jeito. Suas mãos estavam fechadas com força, pude ver mesmo à distância.

— Eu não consegui — me esforcei para botar as palavras pra fora. — Não sabia o motivo, mas guardei as pedrinhas.

Julieta continuou me olhando, sua expressão confusa.

— E o que isso muda? — perguntou ela de novo, mas num tom mais calmo. Como se estivesse indecisa.

Eu tinha tanta coisa para falar, mas era difícil escolher o que dizer primeiro.

Fechei os olhos. Mesmo com medo do que ela pudesse fazer, de que se virasse novamente para o precipício, eu não conseguiria falar olhando para ela.

O toque da chuva fininha no meu rosto era como a mão de vovó fazendo carinho em minhas bochechas. Tentei me agarrar a essa sensação quando abri a boca, deixando que as palavras me abraçassem, desejando com toda a força que Julieta acreditasse nelas.

— Eu te pedi pra cuidar de vovó porque não conseguia nem pensar nela sozinha, desprotegida e sem ninguém pra contar — disse, ainda de olhos fechados. — Eu queria acreditar que a gente poderia ajudar se precisasse, que nada de mal aconteceria.

O único som que pude ouvir eram as batidas do meu coração acelerado, a sensação das lágrimas subindo aos olhos sem que eu pudesse conter. Eu teria impedido-as de descer se fosse em qualquer outra situação, mas agora, eu precisava que Julieta entendesse.

— Quando tudo aconteceu, o meu maior medo se tornou realidade: vovó, sozinha em casa, chamando por ajuda sem ninguém por perto. Ou, pelo menos, era isso que eu imaginava.

Minha curiosidade dominou a minha vergonha, e tive que abrir os olhos para ver a reação de Julieta. As mãos dela pendiam do lado do corpo, não mais fechadas, mas soltas. Não consegui decifrar a sua expressão: os olhos piscando devagar, as lágrimas ainda descendo, os lábios rígidos numa linha.

— Ela me deixou sair de casa — Julieta respondeu, a voz falhando. Limpou a garganta. — Perguntei se ela tava bem, se precisava de alguma coisa. *Ela estava bem, eu vi.*

Seu tom aumentou no final, suas mãos se fecharam de novo, mas logo soltaram. Como se ela estivesse exausta... de sentir. Soube disso, porque o mesmo se refletia em mim, o mesmo cansaço de já ter chorado tanto, perdido tanto.

— Quando voltei, depois da competição... — continuou ela.

Enxugou as lágrimas com força. — Eu não sabia o que era pior. Arrependimento por ter saído, tristeza pelo que aconteceu com vovó... e medo do que tu faria quando chegasse em casa. De saber que eu não cumpri o combinado. Eu teria trocado mil competições pra apagar aquele dia da minha vida.

Julieta deu mais um passo à frente, em minha direção. Meu coração parou.

— Toda vez que Hosana tentava me convencer de que eu não poderia ter ajudado vovó, de que nada teria mudado mesmo que eu estivesse em casa... tu aparecia e me provava que era tudo mentira. Que eu deveria ter ficado. E depois, até mesmo Hosana foi embora.

Pisquei.

— Hosana te contou o que aconteceu com vovó? — perguntei, confusa.

Julieta franziu a testa, igualmente sem entender.

— Disse que ela teve outro infarto, e não teria tempo de levar pro hospital. O mesmo que contou pra tu. Por que?

Hora da verdade.

— Ela não teve o infarto naquele dia.

Repeti tudo que Hosana tinha me dito, e o misto de emoções no rosto de Julieta me fez querer chegar mais perto dela e... fazer o que? Ela não gostaria que eu a abraçasse, e eu não sabia muito bem se conseguiria.

Minha irmã pareceu chocada, aflita, nervosa e... paralisada. Seus olhos piscaram devagar, desfocados, como se ela estivesse perdida nos próprios pensamentos.

Julieta piscou novamente, voltou sua atenção para mim.

— Então... quer dizer... — gaguejou ela. — Eu não poderia ter feito nada?

Tentei respirar fundo, mas nem isso conseguia segurar tudo que eu sentia, uma emoção atropelando a outra.

— Ninguém poderia — respondi, mas percebi que aquela frase não era tanto para convencer a ela, mas a mim mesma.

Julieta voltou os olhos para o chão. Meus pés pareceram se mover como que sem controle.

Ela notou a minha aproximação e me encarou.

Inspirei com força.

— Eu não sabia disso até agora há pouco. E quando soube, fui correndo te procurar, mas tu já tinha ido. Eu não quero que tu morra, Julieta. Quero que fique comigo, pra gente brincar de trocar de corpo e andar de teleférico de novo.

Julieta voltou a chorar ainda mais forte, seus soluços eram o único som além do barulho do vento. A chuva havia parado, mas agora eu senti o quanto estava frio e tremi sob o casaco molhado.

Minha gêmea olhou para mim como se não me enxergasse direito, talvez por causa da luz forte, ou algum outro motivo.

— Tu não me odeia mais? — perguntou Julieta, a voz ainda mais fraca.

A resposta, pelo menos, era bem fácil.

— Não — disse apenas. — Não odeio.

— Tem certeza?

Cheguei perto o suficiente para pegar as mãos dela. Coloquei

ali metade das bolinhas do colar e, dessa vez, as pedrinhas não me incomodaram. Fechei as mãos dela e as envolvi com as minhas.

— Posso te ajudar a refazer — eu disse. — Vou usar o meu também, pra gente ficar combinando.

Há meses eu não ficava assim tão perto dela, sem medo de tratá-la com carinho. Nossas mãos ficaram quentes em meio ao frio de Triunfo e, de um jeito estranho, mas que fazia sentido, era como se tivéssemos juntado peças de uma engrenagem que estava quebrada. Uma ligação, que tinha sido perdida.



Capítulo 15

NÃO SOLTEI A MÃO DE JULIETA UM MOMENTO SEQUER ENQUANTO descíamos pelo mesmo atalho que viemos. Pude ver pelo canto do olho que ela virava o rosto para me encarar o tempo todo e, às vezes, abria a boca, mas nenhuma palavra saía. Minha mente também estava a mil, mas eu não conseguia falar mais nada por enquanto.

A longa escadaria até parecia mais bonita agora, tendo a vista das pessoas e do palco lá embaixo, e pedacinhos de luz do sol tentando afastar o escuro da noite.

— Tenho uma coisa pra te dizer — falei sem pensar. Se eu fosse esperar para ter coragem, não diria nunca.

Ela me olhou, confusa, o nariz inchado, mas provavelmente não tão feio quanto o meu.

Suspirei. Minhas mãos tremiam, mas não tanto quanto antes. Eu sabia que Julieta sentiria o tremor, mas ela não disse nada.

Era estranho até mesmo estar conversando assim, normalmente. Julieta me olhava com seus olhos grandes e prestava atenção a tudo que eu dizia.

— Quando a gente chegou aqui... eu tava me lembrando de

vovó. E tava com muitas saudades. — Olhei para as bolinhas em nossas mãos, ao mesmo tempo que minha irmã olhou. — Então... eu decidi ligar pro número da casa antiga dela.

Eu não imaginava qual seria a reação de Julieta, mas pensava que ela acharia, no mínimo, estranho. Seu olhar se tornou mais intrigado.

— E vovó atendeu. — Continuei. — Não sei como, não tenho nenhuma explicação para isso, mas ela atendeu. E eu ouvi a voz dela.

Julieta parou de andar.

— O que? Isso é sério?

Apesar da surpresa nos olhos arregalados de Julieta, eu não sentia julgamento em sua voz.

— Sim. É sério.

— Tem certeza de que não era uma chamada gravada? — perguntou Julieta, mais numa tentativa de buscar uma explicação lógica que num gesto de descrença..

— Absoluta.

Demorei alguns segundos para continuar.

— Ela disse que tinha uma coisa muito importante pra me contar. Ela tava quase dizendo, mas tu chegou e... bom, o resto a gente já sabe.

Julieta arregalou os olhos, como se tivesse entendido tudo.

— Então foi por isso que tu ficou com tanta raiva.

Precisei respirar fundo para não deixar todas as emoções que senti naquela noite me sufocarem.

— Então tu acredita em mim? — sussurrei.

Julieta me encarou por um momento, soltou a minha mão e me abraçou, com força, sem pressa para soltar. A sensação era estranha, mas ao mesmo tempo, muito boa. *Ela acreditava*. Não pensava que eu era doida ou nada do tipo.

— Sou sua gêmea, esqueceu? Sei quando tá mentindo, quando tá falando a verdade, quando tá triste ou com medo. Eu sinto tudo, Lúcia, assim como tu sente — Julieta disse, ainda com os braços agarrados ao meu corpo.

Respirei fundo, aliviada por saber que alguém acreditava em mim. Alguns segundos depois, minha irmã fungou quando desfez o abraço.

— Nossa, Lu... Eu estraguei tudo.

Voltei a segurar a mão dela.

— Tá tudo bem. Eu passei a noite e o dia inteiro querendo saber que segredo era esse, mas acho que não importa. Eu pude falar com vovó, e ela disse que tava orgulhosa de mim.

Julieta fungou ainda mais.

— Além disso — continuei. — Acho que ela sentia falta de ver a gente juntas... assim como eu.

Julieta limpou as lágrimas que desceram pelas suas bochechas e, surpreendentemente, abriu um sorriso tímido. Um bom sinal.

Ao nosso redor, pude ouvir a música que parecia ter recomeçado, como se só agora eu estivesse conseguindo prestar atenção em outro barulho que não fosse o meu coração batendo, mas os sinais daquela data estavam por toda parte. O cheiro de fumaça, o brilho alaranjado das fogueiras, o friozinho de inverno.

Tudo ali me lembrava vovó, do sorriso dela ao dançar o forró que ouvíamos, e no quanto ela estaria feliz em ver nós duas conversando. Isso não me ajudou a conter o choro.

— Acho que sou eu que preciso pedir desculpas agora — sussurrei, mesmo que aquelas palavras fossem difíceis de botar para fora. — Caramba, Ju... eu fui horrível contigo.

Julieta alisou as minhas mãos.

— Eu também teria sido. Eu acho.

Olhamos para o céu ao mesmo tempo.

— Mas... que bom que tu me contou isso tudo — Julieta falou. — Quer dizer... eu sou corajosa, mas aquele barranco é bem alto.

O riso saiu dos meus lábios sem que eu conseguisse me conter.

Ao chegarmos perto da lagoa, quase dez minutos depois — não estávamos com tanta pressa — um grupo de amigos veio andando rápido em nossa direção.

Julieta segurou minha mão com um pouco mais de força.

— Vocês duas são Lúcia e Julieta? — uma das meninas perguntou. Ela estava suada e fedida a cerveja, mas seus olhos estavam preocupados, assim como a outra menina e um rapaz atrás dela.

Foi minha irmã que respondeu, graças a Deus. Mesmo que eu tivesse conseguido falar com tantos estranhos enquanto procurava por ela, aquilo ainda era um incômodo.

— Quem quer saber? — Julieta ergueu o queixo. Nossa, como eu sentia falta de estar com ela.

— Seus pais estão procurando vocês! — a menina disse, os

olhos arregalados. — Eles estão rodando que nem doidos por aí...

— Ah não — respondi, olhando para Julieta. — Eu saí antes de Hosana.

Julieta tocou meu ombro. Eu sabia que ela estava nervosa, pelo jeito que sua mão tremia, mas ela fingia bem.

— A gente vai encontrar eles — disse ela apenas. Virou-se para a menina estranha. — Onde vocês viram eles por últ...?

Um grito interrompeu a frase da minha irmã.

— Julieta! Lúcia!

Olhamos para trás ao mesmo tempo. Perto da lagoa, papai, mamãe e Hosana corriam em nossa direção.

Eu já estava tentando pensar em uma desculpa que livrasse Julieta daquela encrenca, mas antes que eu pudesse me justificar, nós duas fomos engolidas pelo abraço de Hosana, que segurou cada uma de um lado do corpo.

Se eu já estava surpresa com isso, meus olhos praticamente saltaram para fora do rosto quando vi mamãe se aproximando, sua expressão mais viva e atenta do que eu tinha visto em meses. Ela usava um casaco enorme por cima do pijama, como se não tivesse tido tempo de se trocar antes de sair correndo atrás de nós.

— *Onde vocês estavam?* — perguntou ela, falando alto. — Lúcia, seu blusão tá todo molhado, o que é isso no teu nariz? Eu... *Nunca mais* façam isso de novo! — até sua voz estava mais forte. Hosana nos soltou para que mamãe pudesse abraçar Julieta e eu, e beijar nossas cabeças.

Ao nosso lado, papai também tinha lágrimas nos olhos. Percebi que ele segurava o celular de Hosana com força e ela, parada perto dele, parecia em parte preocupada, em parte aliviada.

Papai estava hesitante, como se ele tivesse medo de se aproximar.

Julieta parecia tensa novamente. Ela virou o rosto entre mamãe e papai, mais de uma vez.

Começou a chover de novo. As gotas de chuva estavam geladas o suficiente para deixar a minha pele ardendo, como se pequenas facas me perfurassem, mas a sensação que tive ao ver todos nós ali, juntos, fazia com que eu me esquecesse do incômodo.

— Lúcia me contou — disse Julieta, piscando várias vezes para afastar os pingos de chuva. — Sobre vovó.

Papai se aproximou. Sua expressão, de alguém aliviado e feliz e emocionado, era algo que não parecia nem um pouco com ele. Olhou para mim.

— A gente já sabe de tudo — falei.

Papai abaixou a cabeça, mas logo voltou a me encarar, revezando o olhar entre mim e Julieta.

— Eu deveria ter contado antes, mas... não sabia que vocês pensavam nisso, que estavam se culpando pelo que aconteceu. Não sabia como cuidar da sua mãe, nem de tu, nem de Julieta.

Julieta chegou perto de papai. Ela o abraçou de lado, o que pareceu deixá-lo um tanto surpreso. Eu também não esperava essa atitude, mas quando Julieta me olhou e ergueu uma sobrancelha, percebi que também queria fazer o mesmo. E ela agora estava me dando coragem para isso.

Me aproximei deles com passos lentos. Meu tornozelo tinha parado de latejar desde a descida, mas agora que a adrenalina tinha passado, a dor voltava aos poucos.

Papai não soltou Julieta, mas ao ver que eu chegava mais

perto, estendeu o braço para mim. Não parei para pensar: os braços dele me seguraram firmes, uma rede protetora contra a chuva, o frio, os sentimentos que me afogavam

Soluços eram o único som que chegavam aos meus ouvidos.

Hosana se aproximou de nós, a chuva deixando seus cabelos grudados ao corpo, mas ela não pareceu se importar.

Eu não sabia o que responder, porque nada parecia ser suficiente. Minha cabeça começou a doer, tantos pensamentos e sentimentos enrolados, cheios de dor e amor e alegria e alívio.

Mal tive tempo de ter qualquer outra reação, mamãe também se aproximou de nós dois e entrou no abraço. As mãos dela, porém, estavam mais tímidas, como se ela tivesse esquecido de como nos abraçar.

Julieta se enroscou ainda mais, e nós continuamos naquele pequeno amontoado, lágrimas rolando junto às gotas de chuva, um casulo de amor e calor que impedia qualquer outra coisa de entrar.

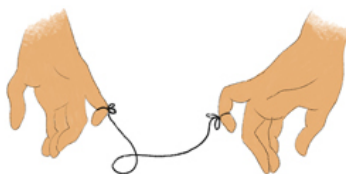
— Se eu pudesse fazer um pedido — papai continuou, olhando pra mim e enxugando as lágrimas. — Seria que... que tu e Julieta pudessem voltar ao que eram antes.

Olhei para Julieta e, mesmo com todos os sentimentos, dei uma risada. Ela me imitou.

— Tu tá um pouco atrasado, papai — respondeu ela.

Ninguém devia ter percebido por causa da correria, mas se observassem bem, Julieta e eu tínhamos voltado a segurar as mãos.

E não pretendíamos soltar nunca mais.



Capítulo 16

VOLTAMOS PARA CASA OUVINDO O FORRÓ QUE AINDA TOCAVA EM, praticamente, todo lugar. Pude notar coisas que eu não tive tempo de ver enquanto descia para a lagoa: fogueiras queimando na frente das casas, bandeirinhas de São João espalhadas pela cidade, o cheiro forte de comidas de milho — pamonha, milho verde e, a minha preferida, canjica.

Minha barriga roncava, e eu queria chegar logo para comer as comidas que tínhamos deixado na mesa da sala. O sol já tinha nascido, a luz amarelada tentava arrumar espaço no céu nublado.

Olhei para Julieta, que caminhava comigo na frente, pois os outros andavam devagar demais. Passei o braço por trás dela, me admirando com o quanto aquilo agora parecia fácil. Sentindo o cheiro do São João, voltei a lembrar que, em outras épocas, vovó estaria no quintal de casa, junto aos outros, comendo comidas de milho e rindo da minha vergonha de dançar forró, incentivando que eu apenas me divertisse. E, mesmo que eu não pudesse ler os pensamentos de Julieta, eu tinha certeza de que ela pensava o mesmo que eu: que vovó estaria sorrindo ao ver aquela cena.

Chegamos em casa pouco depois, e essa lembrança ainda permanecia comigo. Papai, mamãe e Hosana nos alcançaram, ofegantes depois da caminhada.

— Vou lá pra dentro — disse Hosana, me dando um beijo na bochecha. — Estou morrendo de fome.

De súbito, me lembrei de uma coisa. Meus olhos se arregalaram ao olhar minha irmã mais velha.

— Zana, teu vôo pra São Paulo! Já são mais de 6 horas!

Ela olhou de lado para papai, que confirmou com a cabeça.

— Eu já estava pensando sobre isso há um tempo, mas com tudo isso que aconteceu hoje, só confirmei o que eu já sabia: não quero voltar pra lá. Vou ficar aqui com vocês.

Julieta ofegou. Ela saltitou na direção de Hosana, abraçando-a, e me chamou para fazer o mesmo.

— Ró vai ficar com a gente, Ró vai ficar com a gente! — pulava ela ao ritmo de uma música que tocava ao longe, e até mamãe exibiu um sorriso com toda aquela cena.

Olhei para o jardim, para as flores roxas. Para a piscina, onde o celular tinha caído, e onde eu tinha quebrado o colar de Julieta. Para a enorme casa de dois andares, que sempre me traria lembranças de vovó.

Papai, mamãe e Hosana foram para dentro, e ficamos apenas Julieta e eu no quintal, olhando o nascer do sol.

— Ei — ela chamou. — Essa ligação foi tão... doida, né? Tu queria muito falar com vovó e, do nada, ela atendeu. Como se fosse um sonho.

Concordei com a cabeça.

— Acho que sim.

Julieta olhou para mim de um jeito... estranho. Mais animada do que estava há um segundo.

— Quer tentar ligar pra ela agora? — perguntou.

Eu a encarei.

— Não sei se vai funcionar — disse, embora meu coração tivesse começado a bater mais forte.

Julieta, ao contrário de mim, parecia decidida.

— Não faz mal tentar — ela estendeu o próprio celular para mim.

Minhas mãos começaram a tremer, o mundo pareceu ficar mais silencioso. Apesar do tremor, disquei o número que eu tanto me lembrava.

Os segundos se alongaram enquanto esperei...

“Este número está fora de área ou não existe”.

Olhei para Julieta, seus olhos vivos e um sorriso contido no rosto.

Tirei o celular do ouvido e disquei mais uma vez.

“Este número está fora de área ou não existe”.

Mesmo que eu esperasse que aquilo acontecesse, não deixou de doer um pouco. Parte de mim imaginava que, agora que as coisas estavam um pouco melhores, vovó atenderia. Ela falaria comigo e com Julieta, e diria que estava orgulhosa de nós duas. Eu diria que tudo estava bem, choraria mais um pouco, e abraçaria a minha irmã.

Julieta apoiou a cabeça em meu ombro. Resolvi deixar o celular esquecido por um tempo.

Eu sabia que não era um sonho. Não poderia ter sido. Mas depois de tudo que aconteceu, de ter sentido o medo de perder

Julieta, o mesmo pavor que experimentei quando vi as luzes da casa de vovó apagadas naquele dia terrível, percebi que conseguiria viver sem saber qual era a tal mensagem.

Segurei a mão da minha irmã gêmea mais forte, as bolinhas do colar ainda estavam firmes ali. Talvez eu tenha perdido a ligação de vovó, mas recuperei a que tinha com Julieta.

— Não tem problema — respondi apenas. — Eu sei que ela tá feliz agora.

Minha irmã não me soltou por um tempo, mas seu rosto se iluminou quando ela ouviu *Siá Filiça* na rádio da casa vizinha, um forró que nós duas gostávamos.

Eu sabia exatamente o que ela queria, então me adiantei:

— Essa é uma coisa que a gente pode fazer juntas — falei, sorrindo.

Julieta gargalhou. Todos os anos, ela me chamava para dançar, e eu sempre negava, mesmo quando estava com vontade. Dessa vez, não precisei pensar muito.

Deixei que Julieta me puxasse para dançar.

Com o sol nascendo ao longe, continuamos nos balançando no ritmo da música, de mãos dadas. Mesmo que vovó não estivesse ali comigo, tive certeza de que, de hoje em diante, Julieta e eu jamais estaríamos sozinhas.

Agradecimentos

A jornada da escrita à publicação deste livro foi incrivelmente maravilhosa, e tenho inúmeras pessoas para agradecer - seria impossível mencionar todos, mas vou fazer um esforço.

Primeiramente, a Ella Ferreira, minha mentora, que me convenceu a escrever esta história quando eu estava desmotivada e sem perspectivas. Se não fosse por Ella (kkk), este livro não estaria sendo lançado. Além disso, Ella também fez a leitura crítica desta história, um serviço incrível que me ajudou muito a esclarecer alguns pontos que estavam ruins, e a melhorá-los.

A Deibi Maciel, amigo e parceiro na leitura e na escrita, que fez a revisão deste livro e me incentivou durante todo o processo.

A Mariene Souza, minha ilustradora, que sempre se supera em seus trabalhos e me deixa com lágrimas nos olhos só de ver as artes criadas por ela.

A Matheus Silva, primo e camarada no mundo do marketing digital, que me apoiou na gravação dos vídeos de divulgação, e me ajudou com suas inúmeras ideias e conversas motivadoras.

A Senara Sousa, que trabalhou na diagramação e criou as imagens lindas que você viu no começo de cada capítulo, só tenho a despejar minha gratidão e meus elogios a esse trabalho

deslumbrante.

A todas as pessoas que leram esta história, agradeço por terem chegado até aqui. Cada palavra desse livro foi planejada, revisada e encaixada para que você possa sentir 1% do que eu senti quando a escrevi, e espero que esse propósito esteja cumprido.

Obrigada, e nos vemos no próximo livro 📖 - ou em minhas redes sociais: @isaescreve ([instagram](#) profissional e [twitter](#)) @isa.escreve ([tiktok](#))

Sobre a autora



Isabelly Silva tem 23 anos, é recifense e ama livros tanto quanto ama comer. Começou a escrever com 13 anos, mas sua paixão por contar histórias teve início muito antes disso.

Estudante de Cinema e Audiovisual e aspirante a tantas coisas que mal dá para contar, Isabelly escreve sobre drama, romance, suspense e fantasia. Seu primeiro livro ficcional, “Quando eu morrer”, foi escrito em 2021, com auxílio da Universidade Federal de Pernambuco no programa BICC (Bolsa de Incentivo à Criação Cultural).

Além de autora independente, Isabelly é leitora crítica e preparadora de textos, além de criadora de conteúdo em suas redes sociais.

Outras obras da autora



Sinopse:

Um corte no abdômen que se abre mesmo depois de cicatrizado, portas que não levam a lugar algum e uma vida inteira apagada — mas que volta aos poucos, em forma de memórias e sonhos.

Na Mansão, Alice não sabe o que esperar. Não sabe se vai sair dali, ou o que aconteceu para estar presa naquele lugar. Ela só sabe que precisa ir embora, mas como? E, afinal, que lugar é aquele?

Alice percebe que, quando dorme, as lembranças de sua vida voltam gradativamente, e talvez essa seja a resposta para o seu destino. Ela precisa descobrir o que lhe aconteceu, como tudo aconteceu e, o que mais importa: para onde ela irá em seguida.